

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LETRAS
REDAÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS



Trabalho de Conclusão de Curso

Critérios da textualização:

investigando elementos de construção das *fake news* na área da saúde

Angela Maria Ferreira Garcia

Pelotas, 2022

Angela Maria Ferreira Garcia

Critérios da textualização:

investigando elementos de construção das *fake news* na área da saúde

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras: Redação e Revisão de Textos do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ane Cristina Thurow

Pelotas, 2022

Angela Maria Ferreira Garcia

Critérios da textualização:

investigando elementos de construção das *fake news* na área da saúde

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Letras: Redação e Revisão de Textos, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 21/07/2022

Banca examinadora:

Profa. Dra. Ane Cristina Thurow – Orientadora
Doutora em Letras pela Universidade Católica de Pelotas

Prof. Me. Jeferson da Silva Schneider (UCPel)
Mestre em Letras pela Universidade Católica de Pelotas

Profa. Dra. Aline Neuschrnk (UFPel)
Doutora em Letras pela Universidade Católica de Pelotas

Agradecimentos

Agradeço primeiro a Deus por ter me mantido na trilha certa durante este projeto de pesquisa com saúde e forças para chegar até o final.

Sou grata a minha família pelo apoio que sempre me deram durante toda a minha vida.

Deixo um agradecimento especial a minha orientadora **Ane Cristina Thurow** pelo incentivo e pela dedicação do seu escasso tempo ao meu projeto de pesquisa, e a professora Sandra Bool por todo auxílio e compreensão a mim dedicados.

Também quero agradecer à Universidade Federal de Pelotas e a todos os professores do meu curso pela elevada qualidade do ensino oferecido.

Resumo

GARCIA, Angela Ferreira. **Crítérios da textualização**: investigando elementos de construção das *fake news* na área da saúde. 58 f. Trabalho de conclusão de curso – Letras: Redação e Revisão de Textos, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

A tecnologia da Internet, especialmente as redes sociais e os aplicativos como o *WhatsApp*, *Facebook*, *Instagram*, entre outros, favorecem a pesquisa e a velocidade da informação. Entretanto, esse imediatismo reverbera nas diversas matérias a disputarem espaço na tela dos computadores e *smartphones* sem a devida checagem por parte do público. Promove-se o protagonismo dos conteúdos, mas também compartilhamentos espontâneos que, por vezes, carregam consigo informações distorcidas e mentirosas, comprometendo a qualidade da notícia e a credibilidade do veículo responsável envolvido. Durante a pandemia, as *Fake News* divulgadas em torno do Covid-19, carregam consigo tentativas de deslegitimar autoridades e profissionais da saúde, questionando discursos científicos e interferindo na forma como a população interpreta e atribui veracidade às falas das autoridades e dos meios de comunicação que priorizam o jornalismo sério e comprometido. Sendo assim, buscou-se analisar os artifícios utilizados pelas notícias falsas na busca de convencer o leitor diante do que está sendo apresentado textualmente. A partir dos pressupostos teóricos de Koch (2006), Fávero (1998) e Marcuschi (2008) sobre os critérios da textualidade, realizou-se o estudo de expressões e seu contexto. Para a análise das quatro *Fake News* selecionadas, priorizou-se, o número maior de compartilhamentos nas redes sociais. Como resultados, compreende-se que grupos de *WhatsApp*, grupos de amigos no *Facebook* e sites pouco confiáveis não são os melhores lugares para se obter um conteúdo de confiança. Isso porque mais importante do que buscar a informação, é escolher exemplares de qualidade.

Palavras-chave: Linguística textual. Textualidade. *Fake News*.

Abstract

GARCIA, Angela Ferreira. **Textualization Criteria**: Investigating Construction Elements on Health-Related Fake News. 58 f. Graduation Project – Letters: Writing and Proofreading, Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2022.

The Internet, and especially social media apps like WhatsApp, Facebook, Instagram, among others, make it easier and faster to search for information. However, this immediacy spreads through different news that compete for space on computer and smartphone screens, without being properly fact-checked by the public. It promotes content protagonism while also promoting instant shares, which sometimes carries lying and deceitful information and also compromises the quality and credibility of the information vehicle. During the pandemic fake news about Covid-19 carried attempts to delegitimize health authorities and professionals, questioning scientific discourse and interfering in the way the population interprets and attributes veracity to things said by authorities and communication vehicles that prioritize serious and committed journalism. Based on that, this article sought to analyze textual tricks used on these fake news to convince the reader of what's being presented to them on text. These expressions and their context were studied following the ideas of Koch (2006), Fávero (1998), and Marcuschi (2008) about textualization criteria. Four fake news articles were chosen, according to their number of shares on social media. As a result, this article understands that WhatsApp and Facebook groups, and non-reliable websites are not the best vehicle to get reliable information. This is because, more important than searching for information, is to choose quality sources and being informed.

Keywords: Textual Linguistics, Textuality, Fake News

SUMÁRIO

1. Introdução.....	8
2. Fundamentação teórica	11
2.1. As tecnologias e as gerações.....	13
2.1.1. Baby Boomers (1940 até 1960)	16
2.1.2. Geração X (1960 a 1980)	17
2.1.3. Geração Y (1980 a 1995)	19
2.1.4. Geração Z (1995 a 2010).....	20
2.1.5. Geração Alpha (a partir de 2010)	21
2.2. A internet e o fenômeno das <i>fake news</i>	22
2.3. O texto e os critérios de textualidade	28
3. Metodologia	38
3.1. Constituição do corpus.....	38
3.2. Procedimentos de análise	39
4. Análises	41
4.1. <i>Fake news</i> x	41
4.2. <i>Fake news</i> Y.....	45
4.3. <i>Fake news</i> Z.....	48
4.4. <i>Fake news</i> Alpha.....	49
5. Conclusão.....	53
6. Referências.....	56

1. INTRODUÇÃO

As notícias falsas (*Fake News*), cada vez mais, têm feito parte do dia a dia dos usuários da Internet. Difundidas por meio de aplicativos de telefone, como *WhatsApp* e *Facebook*, o fenômeno vem crescendo à medida que a Internet se populariza, e muitas pessoas não conseguem separar o que é realidade do que é manipulação da informação.

Nesse ambiente de “notícias” questionáveis, vê-se um impulsionamento constante das discussões em áreas como a comunicação, a medicina e a política. As *Fakes News* comumente são usadas para manipular, enganar e, conseqüentemente, prejudicar a população. Ganharam força com a disseminação do uso das redes sociais e aplicativos de mensagens nos últimos anos.

Na saúde, a propagação de boatos pela Internet causa desinteresse, preocupações infundadas, desinformação e, principalmente, constituem verdadeiros crimes contra a saúde pública, à medida que, sem sustentação científica, levam o cidadão a formar opiniões equivocadas acerca do uso de medicamentos e da necessidade de vacinação, ou até mesmo acreditar existem curas milagrosas para doenças graves.

Para o embasamento do tema da pesquisa, num primeiro momento, buscou-se suporte em trabalhos como artigos, vídeos, *podcasts* e uma entrevista com o pesquisador, Igor Sacramento, do Laboratório de Comunicação e Saúde (Laces) do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Fiocruz). A mesma¹ foi concedida ao jornal norte-americano *The Washington Post*, em uma matéria sobre a febre amarela no Brasil, e traduzida para o *site* da Fiocruz. Nela, o pesquisador fala dos boatos contra a vacina da febre amarela no país, enquanto algo que não é totalmente novo. Ele afirma, considerar importante – a partir do momento em que se entende serem as *Fakes News* um fenômeno recorrente nas redes de comunicação da sociedade – estarmos atentos às narrativas amplamente disseminadas, mas que não tem uma origem presumidamente confiável. No seu entendimento, o ponto crucial a definir-se em meio a todos os boatos que surgem, por

¹ FEBRE amarela: entre *fake news* e pós-verdades. **ICICT**, Rio de Janeiro, 22 fev. 2018. Fiocruz. Disponível em: <https://www.iciet.fiocruz.br/content/febre-amarela-entre-fake-news-e-p%C3%B3s-verdades>. Acesso em: 30 out. 2021.

vezes, com o objetivo de desacreditar e difamar pessoas e instituições, é refletir-se a informação através da busca pela verdade nos mais variados contextos. A verdade, para ele é o ingrediente principal e a mais significativa forma de combater as *Fakes News*.

Quando se atribui determinada manchete a um gênero textual notícia, é preciso estar ciente de que essas informações costumam ser veiculadas por jornais televisivos e impressos, revistas, rádio, veículos eletrônicos de empresas já conhecidas e de destaque. Essas empresas consolidadas conferem credibilidade à informação, a qual possibilita o caráter primordial da formação de opinião, sobretudo, de modo imparcial.

Acontecimentos atuais chegam cada dia mais rápido ao consumo do leitor, já que a velocidade e o imediatismo da informação também precisam ser sublinhados, especialmente atualmente, em que a internet é capaz de fornecer subsídios relevantes sobre acontecimentos que ocorrem e são transmitidos, muitas vezes, em tempo real aos internautas.

Sobre o público leitor, observa-se um conteúdo personalizado a figurar nos *feeds* dos *displays* em *tablets*, celulares e nas telas dos computadores. Isso acontece de forma recorrente, pois tornou-se quase uma regra implementada pelos monetizadores das redes sociais, que visam prender o internauta o maior tempo possível em frente às telas. Desse modo, verifica-se que o leitor desejoso de se informar a partir dos meios dos quais dispõe e interessa-se no momento, obtém, por conseguinte, um conteúdo pensado especialmente para cada um, individualmente.

Com base nos acessos de cada usuário na internet, o conteúdo é direcionado conforme os interesses desse leitor. Sendo assim, é possível dizer que essas matérias visam chamar a atenção de um público consideravelmente variado, mas que não escapa às invencionices das notícias falsas e suas armadilhas de convencimento disfarçadas de notícias.

A experiência e o costume de usufruir de textos verdadeiramente jornalísticos faz com que o leitor possa encontrar dificuldades ao conseguir reconhecer o que de fato é uma matéria fidedigna, ou é meramente uma notícia inventada, com fatos distorcidos e desprovidos de veracidade. É nesse contexto que acionamos também o conhecimento específico da ordem linguística, necessariamente. É esse mecanismo que favorece o reconhecimento das estruturas textuais predominantes – campo da microestrutura textual – que compõe o arsenal de ferramentas a

possibilitarem o reconhecimento das possíveis *Fake News* com as quais o leitor pode deparar-se a todo momento.

Algo que se reflete na criticidade exigida quando a manchete pressupõe identificar se há ou não a manipulação tendenciosa das informações ali presentes. Considera-se de suma importância esse cuidado e conhecimento prévio, entretanto, igualmente somado à informação em geral, ao conhecimento de mundo, do cenário em que vivemos – a macrot textualidade surge nesse instante como uma das personagens principais do discurso – no sentido de poder-se confrontar determinada informação, quando já existe um conhecimento prévio sobre a temática abordada no texto.

Assim, justifica-se a relevância deste trabalho, considerando a importância de que as pessoas reconheçam algumas características linguísticas, que são indícios de que os textos das *Fake News* não são verdadeiros.

Por ser um dos campos mais suscetíveis a este tipo de notícia, na área de saúde, com frequência surgem textos questionando a necessidade da vacinação, anunciando a descoberta de alguma erva milagrosa, assustando a população sobre o uso de determinado produto, entre outros tantos. As *Fake News*, muitas vezes, são produzidas com estruturas linguísticas que buscam aproximar-se do formato dos textos verdadeiros, criando um efeito de ser aquilo que é dito ali algo fiel à realidade e que, por conta disso, deve ser aceito pelo leitor. Nesse sentido, a questão norteadora dessa pesquisa é investigar como esses textos constituem-se linguisticamente para produzir a veracidade dos fatos.

Seja através das hipérboles e lacunas existentes em meio ao texto, ou os elementos sutis, cujo reconhecimento dá-se na averiguação do leque de critérios de textualidade, bem como aqueles textos mais dificultosos de identificar-se a falsidade de sua estrutura textual. Este trabalho propõe-se a averiguar quatro textos identificados como falsos, em que o foco principal de investigação se situa no texto e contexto. O objetivo do trabalho é analisar os artifícios utilizados pelas notícias falsas na busca de convencer o leitor diante do que está sendo apresentado textualmente.

Na sequência, veremos os autores que endossam a fundamentação teórica deste trabalho. Os teóricos estudados constituem o eixo de fundamental importância no sentido de solidificar os critérios e razões para a análise proposta no decorrer das próximas páginas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como aporte teórico neste estudo, encontram-se cientistas e profissionais da comunicação, como Emmanuel (2020), que aborda as diferentes gerações e o impacto da mudança de costumes e referências de mundo a promoverem o advento da tecnologia digital no dia a dia, primeiramente, nas forças militares e com os universitários e, mais tarde, à comunidade em geral.

Teremos também Mello (2020), jornalista investigativa que trata da investigação das *Fake News* na campanha eleitoral de 2018. Soma-se às contribuições estudadas, a partir de suas considerações sobre a forma como as notícias falsas embrenham-se pelas redes, nas atitudes e pensamentos dos internautas, refletindo, assim, no comportamento e no rumo das decisões políticas.

Veremos ainda Empoli (2019) e Kakutani (2018), cuja abordagem vem a somar-se a Mello (2020) e remontam às *Fake News* como principal estratégia de marketing político e sabotagem de eleições – servindo aos interesses mais conservadores, em que o negacionismo da ciência e a invenção de fatos distorcidos ou mentirosos aparecem como forma de manipular a opinião pública.

Não poderíamos deixar de salientar, ainda que numa breve pincelada em meio ao capítulo, Lipovetsky (1997), que ressalta a importância das mulheres ocuparem seus espaços no mercado de trabalho, ressignificando os papéis sexuais questionados, sobretudo, pelas reflexões da contracultura; além de Arendt (2009), na qual – embebidos de sua percepção de como as estratégias políticas de um período totalitário empreenderam transformações significativas para seus criadores – pode-se observar novamente a função de reportagens manipuladas e editadas através de meias verdades como forma de servirem aos interesses de ditadores sedentos pela manutenção do poder.

Para a análise desse trabalho, destacam-se os estudos de Fávero (1998), Koch (2006), Marcuschi (2008) e Bonifácio e Maciel (2012). Estes autores subsidiam esse trabalho e apresentam a importância de avaliar os critérios de textualidade em meio à gramática, e, por conseguinte, os variados direcionamentos nos quais a coesão e coerência podem alterar o sentido de um texto e trabalhar para o seu melhor entendimento e unidade.

Os autores citados esmiuçam essas potencialidades da coesão e coerência, buscando elucidar as propriedades desses dois critérios de análise, através dos recursos verificados durante os textos que trazem como exemplo. Dessa forma, é verificado que a unidade de um texto apenas se torna possível através de uma sequência de palavras dispostas de maneira organizada e inteligível, seguindo os critérios dessas propriedades da língua portuguesa, quando bem aplicados. Os conectivos, por exemplo, ajudam a obter um sentido coeso e bem organizado, transmitindo, desse modo, uma mensagem inicial que se mantém durante a sequência do texto, se perder de vista.

Através da coesão e coerência, um texto obtém unidade e a relação harmônica entre as frases e parágrafos, contribuindo para uma interpretação adequada de seu sentido, desde seu início, meio e fim. Entende-se também, conforme destacam esses autores, que, embora coesão e coerência estejam dispostas em prol dos mesmos objetivos durante a análise de um texto, ambas são interdependentes, ou seja, é possível verificar um texto em que, embora a coesão não esteja presente da forma mais adequada, por outro lado, ainda assim, pode haver coerência em sua estrutura gramatical.

Dessa forma, verificamos que esse trabalho utiliza os autores já citados inicialmente, com suas obras que destacam o papel das redes sociais, o advento das *Fake News* enquanto estratégia de persuasão e convencimento das massas – sobretudo, com enfoque nos textos sobre a área da saúde, quando o assunto diz respeito às estratégias de divulgação de notícias falsas.

Durante o período da pandemia, o número generoso de matérias e compartilhamentos questionáveis sobre o vírus da Covid-19, compartilhados nas redes sociais e aplicativos de conversação, serviram para desestimular a população a tomar os cuidados necessários para evitar o contágio pela doença. O negacionismo eminente produziu uma descrença considerável nas comunidades da internet, e essas notícias, repostadas por fontes diversas, minaram as redes sociais, de modo a chegar nas páginas de grande parte do público que utiliza os meios digitais como principais canais de informação.

O negacionismo, promoção de uma deslegitimidade da ciência e dos meios de comunicação, surgiu como alternativa recorrente em meio aos discursos mais devotados à crença direitista, buscando desqualificar o que os cientistas e especialistas das universidades tinham a dizer sobre os efeitos da pandemia. Era

posto em dúvida uma abordagem mais sensível sobre os fatos – algo considerado desapropriado nesses discursos em que uma postura ponderada e zelosa com relação à saúde da população, significava queda de lucro e abalo da economia, para um discurso conservador.

2.1. AS TECNOLOGIAS E AS GERAÇÕES

Com o passar dos anos, era de esperar-se que naturalmente mudanças ocorressem, sucedendo umas às outras no que diz respeito aos costumes, aos anseios e às expectativas de vida. Uma cultura nasce ou desenvolve-se concomitante à outra para que, no futuro, determinadas atitudes e olhares perante o mundo, com suas necessidades mais urgentes, tornem-se realidade, muito além do campo das ideias. Aliás, é por esse mesmo campo que tudo começa, ou, talvez, nem tudo, mas boa parte do que vai sendo construído e adotado em meio à sociedade; premissas para um futuro não tão distante.

Especialmente no século XX, o advento da tecnologia fez-se presente, e fez-se notar de forma extraordinária. Uma ou duas décadas são capazes de carregar consigo um tanto de inovações tecnológicas, que as gerações anteriores provavelmente apenas comensuravam, idealizavam para anos posteriores. Sendo assim, a partir de então, os primeiros esforços de outrora configuram-se no pilar para essas mesmas inovações.

Ao se analisar o cotidiano dos nossos avós e bisavós, facilmente iremos perceber algumas necessidades similares, em se tratando do básico para todo ser humano – alimentar-se, relacionar-se uns com os outros, encontrar meios para a própria subsistência e almejar, quem sabe, uma vida melhor, em conformidade com os próprios sonhos –, porém, esses mesmos desejos, essas mesmas vontades, o ideal de se estar bem e feliz, transforma-se com o tempo.

As inovações tecnológicas nascem justamente em detrimento das mudanças e ideologias trazidas pelos anos, ou surgem de encontro a elas, paralelamente. Nicholas Carr (2011) observa essas transformações advindas do tempo, das tecnologias, especialmente as digitais, a partir de um olhar positivo, mas também negativo, de uma certa forma.

O autor reflete sobre o impacto, por vezes desprezioso, da computação em sua vida e, por conseguinte, enquanto reflexo de uma geração, também na vida das pessoas, de uma forma geral. Para ele, tais inovações dizem respeito não apenas às facilidades incorporadas no cotidiano – como o acesso às informações mais variadas, o estreitamento das relações ambientadas pelas redes sociais e a capacidade de assimilar um número maior de conhecimento, fazendo com que até mesmo o impulso criativo se dê num terreno fértil de conjecturas e pensamentos.

Essa tecnologia se fez notar principalmente em função da otimização do trabalho, das pesquisas científicas e estudos das universidades e na velocidade com que as notícias chegam até as pessoas. Para Carr (2011), entretanto, haveremos de observar que mesmo parecendo algo desprezioso num primeiro momento, é possível que a tecnologia não se configure num cenário totalmente inexpressivo – no sentido de apenas favorecer o cotidiano com uma habilidade cada vez mais acelerada e produzir e fomentar conhecimento –, mas também age no interior de cada indivíduo.

Nesse sentido, o que o escritor sugere em seu livro *A Geração Superficial* (2011) é a possibilidade de que, diferente do que se poderia pensar inicialmente, não estamos tão imunes assim; imunes a uma resignificação que abrange tanto os costumes e apreensões do mundo ao nosso redor, a partir do advento da era digital, como também de algo que modifica igualmente nossa estrutura cerebral, na forma como ela se configura em meio às suas prioridades e na capacidade de assimilar informações num tempo cada vez menor.

Traçando um paralelo da sua juventude, em que os vinis e os livros ocupavam espaço de destaque na vida de todo jovem de sua idade, quando o assunto era aprender e estar munido de conhecimento, arte, informação e lazer, o autor observa o impacto da tecnologia na sua forma de consumir esses produtos na atualidade. Nicholas Carr (2011) reflete, junto de outros autores os quais resgata em suas considerações, o fato de que, na atualidade, diferente do passado, já pode-se perceber algo interessante: se antes a leitura de um livro com duzentas e poucas páginas, por exemplo, era o seu momento de descontração, de silêncio, de concentração, de aprendizado, no momento atual, considera já não ter a mesma facilidade de se manter atento e interessado à leitura de uma obra inteira.

Segundo o autor, a velocidade com a qual é possível encontrar variadas informações num curto período, e ao mesmo tempo, proporcionada pela Internet, fez com que a estrutura pela qual se organiza o pensamento e formulam-se as

considerações a respeito do que se vê e descobre, em meio ao processo de entendimento da realidade presente, já não se adequa às horas precisas de uma obra vasta e demorada, de capítulos extensos, e horas de leitura.

A esse respeito, Carr (2011) destaca:

Dúzias de estudos de psicólogos, neuro-biólogos, educadores e web designers indicam a mesma conclusão: quando estamos online, entramos em um ambiente que promove a leitura descuidada, o pensamento apressado e distraído e o aprendizado superficial. É possível pensar profundamente enquanto se surfa na net, assim como é possível pensar superficialmente enquanto se lê um livro, mas não é o tipo de pensamento que a tecnologia encoraja e recompensa (CARR, 2011, p. 151).

Dessa forma, Carr (2011), no decorrer de suas considerações, salienta não tratar do advento tecnológico como algo sumariamente negativo, muito pelo contrário. O que o autor aponta, além da facilidade, como já foi observado, de interagir e se expressar para uma infinidade de pessoas, num mundo cada vez mais conectado, é que essa tecnologia não atua unicamente enquanto facilitadora dessas relações e empreendimentos, mas como algo que age internamente nas pessoas, de forma que, mesmo parecendo não estarmos alheios a essas incursões da tecnologia do interior de cada um de nós, do que somos e acreditamos enquanto seres humanos, essa mudança existe, e é real.

Nesse sentido, conforme analisa Carr (2011), talvez não façamos da tecnologia um instrumento ao nosso dispor, e a nosso bel prazer. A tecnologia, nesse sentido, é uma via de mão dupla, em que podemos atuar a partir das ferramentas ofertadas por ela, como também sofremos essa atuação...estamos à mercê dos resultados que essa tecnologia suscita em nós. Para Carr (2011):

Tendemos a usar a internet regular e obsessivamente. É que ela descarrega precisamente o tipo de estímulos sensoriais e cognitivos – repetitivos, intensivos, interativos, aditivos – que se demonstrou resultarem em fortes e rápidas alterações dos circuitos e funções cerebrais (CARR, 2011, p.152)

Mais adiante, Carr (2011) segue a complementar:

Enquanto realizamos esses movimentos, a net descarrega um fluxo contínuo de insumos nos nossos córtices visual, somatossensorial e auditivo. Há sensações que vêm através de nossas mãos e dedos enquanto clicamos e roamos, digitamos e tocamos. Há os muitos sinais de áudio que são transmitidos aos nossos ouvidos, como a campainha que anuncia a chegada

de um novo email ou uma mensagem instantânea e dos diversos toques de celular para nos alertar de diferentes eventos (CARR, 2011, pg. 153)

De qualquer modo, um século a mais parece ser o suficiente para experimentarmos um território deveras contrário do que havia anteriormente. E ao considerarmos o advento da tecnologia, enquanto um dos pilares para essas novidades – em especial, a era digital, campo de pesquisa desse trabalho – torna-se necessário, logo num primeiro instante, entendermos os princípios que nortearam cada geração até esse momento.

Para tanto, destaca-se o período compreendido pelo estudo das gerações, ou seja, o estudo do conjunto de descendentes, conforme explica Emmanuel (2020), a partir do final da Segunda Guerra Mundial, em que os soldados voltaram para suas casas. É o que veremos a seguir, destacando essas gerações conforme as décadas que as compreendem.

2.1.1. Baby Boomers (1940 até 1960)

Também conhecida como *Baby Boom*, essa geração surge, a partir do retorno dos soldados às suas famílias, quando a guerra terminou. Os maridos estavam de volta, além do grande número de casamentos e gestações derivadas dessas uniões. Sendo assim, observou-se o aumento da taxa de natalidade. Os *Boomers* são o fruto desse contexto. De acordo com Emmanuel (2020):

A geração Boomers é a geração dos que hoje possuem por volta dos seus 70 anos. Foram criados no contexto em que a estabilidade no trabalho e na vida eram sinônimo de sucesso e um dos princípios que os nortearam. A segurança para eles era fundamental. Na maioria dos casos, tiveram somente um emprego a vida toda e nele permaneceram até suas aposentadorias. Assim, sentiam-se bem-sucedidos e realizados (EMMANUEL, 2020, p. 10).

É interessante observar, conforme salienta Emmanuel (2020), que essa geração já adota um modelo familiar bastante diferente da anterior, a quem esta autora chama de geração patriarcal. O arranjo familiar até então era marcado por famílias bastante grandes, com mais de 10 filhos, geralmente. No entanto, os *Boomers* não seguiram o mesmo modelo, diminuindo esse número para em média 1 a 3 filhos.

Emmanuel (2020) destaca também as profissões mais características dessa geração, girando em torno do funcionalismo público, diretores e gerentes de empresa,

os quais vislumbravam uma carreira profissional longa, por vezes no mesmo lugar. Os desafios e a realização pessoal não faziam parte do roteiro. Na verdade, a realização estava ligada justamente à possibilidade de ficarem bem-posicionadas e estáveis em seus empregos.

Entretanto, algo bastante significativo para se destacar é a chegada das mulheres no mercado de trabalho. Elas já ensaiavam os primeiros passos da independência feminina mesmo no século XIX, amparadas pelos ideais iluministas - que acabaram, em contrapartida, favorecendo mais aos homens do que ao sexo feminino. De qualquer modo, uma centelha de esperança e de uma nova consciência com relação ao papel das mulheres na sociedade, iluminava, em conformidade com o nome atribuído à filosofia, as mentes de mulheres que já lutavam por essa independência.

2.1.2. Geração X (1960 a 1980)

Carr (2011) remonta que nesse tempo, ele era um dos jovens em sintonia com as inovações tecnológicas. Ele considera que sua vida, bem como a maioria dos *Baby Boomers* e da Geração X, se desenrolou no que ele chama de “uma peça de dois atos” (CARR, 2011, p. 18). Para o autor, esses dois momentos tratam de uma juventude analógica, que ao se desenvolver rapidamente, passou por uma mudança radical para uma fase posterior à qual denomina de “Maturidade Digital”.

Os filhos dos *Boommers* caracterizam-se por ser uma geração transitória. A tecnologia começa a estar presente no cotidiano deles, todavia, conforme sugere Emmanuel (2020), ainda carregavam consigo muito dos pais, em se tratando, por exemplo, do racismo estrutural ou a dificuldade de lidar com uma sexualidade que fugisse do padrão estabelecido tradicionalmente. Em contrapartida, ficou conhecida principalmente pela quebra de paradigmas, e a busca por liberdade, deixando certos valores morais para trás.

Essa geração mantém em si, de acordo com Emmanuel (2020, p. 11), “o individualismo, a ambição e a dependência do trabalho – ou *workaholismo* – são os valores com os quais os nascidos nessa geração cresceram. Buscam, por meio do trabalho, a realização dos desejos materiais e pessoais”. Nessa perspectiva, a geração busca a realização através do trabalho, além de outras questões como, o sexo antes do casamento, as baladas, a ruptura com a religião, o grande número de

divórcios e a independência das mulheres que são características marcantes dessa geração.

Segundo Carr (2011), a velocidade e o acesso da informação imediatista, incorporada pelo uso do computador, alteraram seu modo de trabalhar. Percebe-se que a diversidade de conexões e documentos influenciavam em seu pensamento e sua escrita. Para o autor, à medida que a tecnologia passou a ocupar um espaço considerável e intransferível em nossas vidas, representou uma espécie de divisor de águas na história intelectual e cultural dessa geração e as que vieram em seguida. Conforme observa Carr (2011):

A mente linear, calma, focada, sem distrações, está sendo expulsa por um novo tipo de mente que quer e precisa tomar e aquinhoar informação em surtos curtos, desconexos, frequentemente superpostos – quanto mais rapidamente, melhor (CARR, 2011, p. 18).

Nesse sentido, a rapidez das informações já se faz presente no contexto de vida das pessoas. A busca um tanto urgente de encontrar cada dia novos modos de trazer “ordem à confusão de informação que enfrentamos todo dia” (CARR, 2011, p. 217) reflete no gerenciamento dessas informações, sobretudo, as que são pessoais. Esses desdobramentos, se num primeiro momento eram configurados de forma simples, em comparação à evolução desses métodos de se comunicar – alfabetização, anotações, catálogos, guias, regras práticas – contrastavam com métodos mais elaborados das instituições, mas que não deixavam de ser manuais, até aquele momento.

Durante o século XX, a inundação de informação cresceu, as tecnologias de processamento de dados avançaram, e os métodos e ferramentas para o gerenciamento de informação tanto pessoal como institucional se tornaram mais elaborados, mais sistemáticos e cada vez mais automatizados (CARR, 2011, p. 217).

O curioso de se observar, segundo o autor, é a contradição desse sistema, visto que começamos a procurar nas máquinas a solução para organizar o fluxo da informação, porém as próprias máquinas exacerbam essa sobrecarga de informação, justamente para aliviar o problema. Sendo assim, na busca de promover uma solução, as pessoas tornam-se dependentes dessa mesma solução que o problema suscita propor.

À medida que as tecnologias de processamento de dados se aprimoram, essas ferramentas de busca e filtragem se tornam mais precisas, enquanto, por outro lado, mesmo que haja um fluxo de informação relevante bem maior, surgem, em contrapartida, informações não tão confiáveis, igualmente em grande proporção.

2.1.3. Geração Y (1980 a 1995)

Também conhecidos como *Millennials*, essa é uma geração que veio para quebrar novamente as amarras e os paradigmas da anterior. Enquanto seus pais concebiam o trabalho, a independência e o sucesso profissional como sentido da vida, para os *millennials* o real significado da existência amparava-se na busca incansável pela felicidade.

Os jovens dessa geração cresceram em meio ao discurso sobre a importância de um trabalho remunerado, da estabilidade e uma vida profissional bem estruturada. Entretanto, como observa Emmanuel (2020), não parecem ter encontrado sentido nesse discurso; de certa forma, tal e qual os jovens da geração X, também não conseguiram identificar-se com seus pais.

Obviamente, é importante frisar, conforme destaca Emmanuel (2020), não existir um momento crucial, ponto exato em que uma geração abre espaço para outra, e assim sucessivamente. Na verdade, essas transformações vão acontecendo gradual e naturalmente, num tempo que não é preciso, pois não obedece rigorosamente a uma data concreta de partida.

Dessa forma, é perfeitamente normal que uma geração traga consigo muito dos conceitos das gerações anteriores, impostos pela família, pela sociedade em geral, porém, observa-se a constante evolução. Trata-se, na verdade, de estudar o comportamento e as relações características de cada uma, de forma geral, reconhecendo, todavia, haver exceções à regra.

Segundo observa Emmanuel (2020), como parte de uma nova postura frente ao mundo, a criação de novos empregos, somados às tecnologias, é algo a ser destacado na geração Y. É o caso das competições de vídeo games em espaços específicos, com recompensas altíssimas aos seus campeões. Formas alternativas e diferentes de trabalho, como os *blogs*, por exemplo, também fizeram-se notar.

Levando em consideração, novamente destacando, não existir regra para todos, e o tema ser algo complexo, de constante transformação, quanto à essa geração de jovens, Emmanuel (2020) considera:

Suas principais características são otimismo, imediatismo, hábito de fazer várias tarefas ao mesmo tempo, gosto por novas tecnologias, busca por propósito, flexibilidade no trabalho, preocupação com o meio ambiente e causas sociais (EMMANUEL, 2020, p. 12).

Em 1995, a Internet popularizou-se. O computador já não era mais algo tão raro e distante da maioria da população. Embora a máquina tenha sido criada em meados da década de 40, é nesse período histórico que a tecnologia digital passou a fazer parte da vida das pessoas de maneira mais efetiva, e não apenas para fins militares ou empresariais.

A Internet proporcionou desde então acesso facilitado às pesquisas de todo tipo de assunto, de forma rápida e eficaz. Mas não apenas isso. Também dávamos início aos relacionamentos virtuais, às salas de paquera e bate papo, aos *chats* e programas de conversação. Não faz tanto tempo assim, mas já podemos levar em conta o que Emmanuel (2020, p. 13) considera como “a maior transformação social da história”.

A tecnologia *World Wide Web*, ou simplesmente “www” já fazia parte do cotidiano de uma parcela considerável de famílias brasileiras. Considerável para aquele momento, claro, visto que, ainda hoje, a Internet não chegou a todas as casas e, também em função disso, conforme destaca Emmanuel (2020), não é possível analisar todos os jovens de um período histórico seguindo os mesmos critérios. O fato é que, desde então, mudanças nas esferas sociais, educacionais e corporativas fizeram-se presentes, e chegaram para ficar. O mundo estava transformado. Entrava-se na era digital. Ao mesmo tempo, nasciam os integrantes da geração Z.

2.1.4. Geração Z (1995 a 2010)

Essa geração nasceu em meio aos computadores. Surgiram os *smartphones*, ou computadores de mão. São inovações que já fazem parte do DNA desses jovens de vinte e poucos anos. De acordo com Emmanuel (2020), nascer em meio a essas tecnologias fez com que esses jovens criassem uma dependência maior junto a elas,

pois não vivenciaram o mundo diferente do que se vê hoje. Para a autora, a geração Z apresenta a maior das mudanças sociais, quando comparadas às gerações anteriores.

2.1.5. Geração Alpha (a partir de 2010)

Os filhos da geração Y e dos precoces da geração Z já estão conectados desde os primeiros anos de vida. É interessante frisar-se algo destacado por Emmanuel (2020). A autora considera não existir mais distinção entre o mundo digital e o mundo real para essa geração. A forma de se relacionar, aprender e experimentar o mundo à sua volta já não é separada do digital. Para Emmanuel (2020):

As grandes inovações tecnológicas, as múltiplas telas, e a conexão 100 % do tempo, faz com que essa geração seja bombardeada de estímulos visuais, sonoros e interativos em qualquer lugar e momento. De um lado, isso gera uma aceleração no desenvolvimento de certas habilidades, como diversas funções ao mesmo tempo e estabelecer conexões entre diferentes assuntos. De outro, pode prejudicar outras capacidades, como a concentração e a paciência (EMMANUEL, 2020, p. 15).

Como a pessoa mais velha dessa geração possui hoje, em 2022, apenas 12 anos de idade, é demasiado cedo para esmiuçar considerações mais precisas. Os estudos a seu respeito começaram a pouquíssimo tempo, e ainda estão em aberto para pesquisas futuras. Desenvolvem-se conforme avançam essas pesquisas.

De qualquer modo, apontarmos as características de cada uma dessas gerações, no desenvolvimento desse trabalho, torna-se significativo, pois, em se tratando da evolução da Internet, seus pontos positivos e negativos, é preciso considerar resultados advindos de um ambiente que não surgiu, obviamente, ao acaso, de uma hora para outra. É fruto de uma nova postura e concepção de mundo, cada dia mais interligada.

A rapidez da informação é uma constante. Nesse sentido, abre-se parênteses para as notícias não pesquisadas a fundo, portadoras de meias verdades. Mas tudo enquanto parte de um processo evolutivo, como podemos verificar nesse capítulo. A partir de uma primeira análise, adentraremos, então, a seguir, no ambiente virtual propriamente dito. Referimo-nos ao terreno específico do estudo, de modo a entendermos como comporta-se a geração cujo universo que separa a mentira da

verdade percorre uma linha cada dia mais tênue e passível de muito critério, estudo e cuidado. São as *Fakes News*, propriamente ditas.

2.2. A INTERNET E O FENÔMENO DAS *FAKE NEWS*

Cerca de 4,1 bilhões de pessoas no mundo têm acesso às tecnologias, segundo a estimativa da Organização Mundial das Nações Unidas, num levantamento divulgado em 6 de novembro de 2019. A população está conectada; uma geração cibernética. São os IGENS como refere-se a psicóloga norte-americana, Jean Twienge (2017). São também chamados de nativos digitais, nas considerações de John Palfrey e Urs Gasser (2008), escritores destacados na obra de Castells (2001).

As opções dos nativos digitais são inúmeras e virtuais. Nesse sentido, as brincadeiras de rua, a ludicidade dos encontros, do contato com outras pessoas dá-se de forma bastante expressiva nos limites do lar, nas telas do computador e *smartphones*.

É preciso destacar tratar-se de uma parcela que vai da classe média à elite, já que as pessoas mais humildes, por vezes, não possuem acesso à rede tecnológica dos computadores. Ao menos, não a todo momento. De qualquer modo, dados conferidos no site Agência Brasil² destacam, atualmente, o número de 152 milhões de pessoas com acesso à internet no Brasil.

Em território brasileiro, a constatação de que o acesso à internet pode continuar sendo um desafio à parte, evidenciou-se significativamente durante o período de isolamento imposto pelo Covid-19. As aulas de acessibilidade remota impuseram um grande desafio às escolas e aos professores, no sentido de que foi preciso preparar o material de ensino com formas distintas, através do digital e do impresso – voltado ao estudante com dificuldades para acessar a internet. Conforme observa Castells (2001, p.17), inspirado em Palfrey e Gasser: “há bilhões de pessoas no mundo para as quais os problemas que os nativos digitais estão enfrentando são meras abstrações”.

Na cultura da internet, segundo Castells (2001), houve um momento em que a comunidade empresarial e os grupos sociais deram-se conta do tamanho do potencial

² BRASIL tem 152 milhões de pessoas com acesso à internet. **Agência Brasil**, Brasília, 23 ago. 2021. Caderno Geral. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-08/brasil-tem-152-milhoes-de-pessoas-com-acesso-internet>. Acesso em: 30 out. 2021.

desse novo espaço de discussão e apreensão do mundo, dos interesses mais particulares e das relações entre as pessoas no geral. Tratava-se de mais um meio de comunicação; mudança de comportamento que viria a definir a forma como era utilizado o computador, até então. Desencadearam-se novas formas de lidar com o aparato tecnológico favorecido pelo ambiente digital, e acomodou-se espaços com arranjos sociais distintos.

Para este autor, o advento da Internet culminou com o surgimento de novas comunidades não mais limitadas ao espaço territorial. As pessoas online encontram-se em função dos seus valores e interesses compartilhados. Os laços de apoio e amizade que regem, teoricamente, essas relações no ambiente virtual, podem ultrapassar o espaço digital e favorecer a interação face a face.

Para Castells (2001, p. 145), “é uma extensão da vida como ela é, em todas as suas dimensões e sob todas as suas modalidades”. O autor destaca a Internet enquanto agente de uma nova cultura, de forma recorrente, em sua obra. O sociólogo ressalta as características que fizeram com que a Internet representasse um fluxo promissor de inovações.

As inovações destacadas por este autor dizem respeito não apenas às comunidades específicas, salas virtuais condizentes com as características em comum a reunirem internautas num mesmo ambiente, ou da nova proposta lucrativa verificada por empresários, no sentido de alavancar a economia como um todo. O autor destaca um espaço promissor também para novas profissões, e o papel significativo dos *hackers*, representando um território fértil de possibilidades. Para Castells (2001):

A cultura da Internet é uma cultura feita de uma crença tecnocrática no progresso dos seres humanos através da tecnologia, levado a cabo por comunidades de hackers que prosperam na criatividade tecnológica livre e aberta, incrustada em redes virtuais que pretendem reinventar a sociedade, e materializada por empresários movidos a dinheiro nas engrenagens da nova economia. (CASTELLS, 2001, p. 78)

A época da contracultura propôs outros valores e se, por um lado, a tecnologia ganhou cada dia mais espaço, o campo do discurso textual também foi se adaptando. A intertextualidade fez-se presente, e a própria Linguística Textual assumiu outros desdobramentos.

No entanto, a popularização da Internet, sobretudo através dos aparelhos celulares, potencializou a disseminação de *Fake News* e, conforme Emmanuel (2020) e Mello (2020) sugerem, os fatos verídicos perderam eficiência diante das distorções carregadas de ideologias muito particulares, e das notícias inventadas com objetivo de servirem a fins mercadológicos e/ou políticos.

Torna-se tarefa hábil para quem já está perfeitamente ambientado e é experiente em lidar com tecnologias digitais, reconhecer o que é falso ou verdadeiro em meio a tudo que é veiculado, sem deixar-se levar pelo calor do primeiro instante, envolvido pelas notícias sedutoras, especialmente em função do apelo e do sensacionalismo que carregam consigo tais informativos.

As notícias falsas, ou melhor dizendo, as *Fakes News*, costumam servir enquanto mecanismo de manutenção e difusão de ideias tão superficiais quanto eficientes, e de significativa rapidez. Pode-se falar em poder, já que, em menor ou maior grau, as *Fakes News* foram e ainda continuam sendo responsáveis por implementar na sociedade, à medida de sua eficácia, diferentes interpretações sobre determinado acontecimento. Normalmente, dizem respeito às pessoas notórias, agentes políticos e celebridades, e também a cidadãos comuns que, de um dia para o outro, tiveram suas vidas transformadas, ou até mesmo destruídas.

O advento da tecnologia, referindo-se precisamente às redes sociais e aos aplicativos de conversação, traduzem-se numa das formas preferíveis dos agentes de *marketing* político ou da discórdia aterradora emaranhada por entre as falas de *sites* enganosos e grupos diversos – sejam de família ou de espaços para discussão, como o *Facebook* e o *Instagram*.

Mello (2020) faz um estudo criterioso a respeito da forma como as notícias falsas costumam ser difundidas no ambiente virtual, analisando esse fenômeno e chegando a considerá-lo como a nova, atrativa e mais poderosa forma de obter resultado junto ao público, quando se deseja promover a imagem de um candidato aos holofotes, ou lucrar economicamente perante a concorrência.

A autora aborda que, no Brasil, uma estimativa oficial de 2017, contabilizou a marca de 210 milhões de habitantes no país e, dessa porcentagem, 120 milhões eram usuários do *WhatsApp* até aquele momento (MELLO, 2020). A marca se mantém no mesmo patamar em 2021, conforme pesquisa divulgada pelo site Resultados Digitais. Em junho do mesmo ano, o site da Folha de São Paulo trazia em sua página uma

reportagem³ apontando haver mais segurança para os usuários do aplicativo em terras europeias. De acordo com o descrito na matéria, segundo o levantamento realizado pelo *Data Privacy Brasil* – que comparou o Brasil e a Índia, os dois maiores mercados da empresa ligada ao *Facebook* de Marc Zuckerberg – que o aplicativo oferece mais detalhes, na Europa, quanto aos dados de seus usuários coletados pela plataforma.

De acordo com a matéria de Paula Soprana, na política europeia, tem uma seção dedicada às bases legais de tratamento de dados pessoais, o que não existe no Brasil. Outro ponto levantado é com relação ao compartilhamento de dados do usuário para outras plataformas ligadas ao grupo: *Facebook* e *Instagram*, por exemplo. No Brasil, existem os anúncios de *marketing* do *Facebook*, ligando a versão paga da rede social ao *WhatsApp*, algo que na política europeia, limita-se aos assuntos referentes à divulgação de serviços de empresas, unicamente.

Os especialistas da área, conforme é destacado na reportagem, atentam ao fato de que o usuário é alertado sobre a divulgação de seus dados para outras empresas do grupo. Entretanto, salientam também sobre a demora em abordar o assunto claramente, havendo ainda espaço para melhorar o detalhamento das informações compartilhadas referentes ao registro da conta, número de telefone, dados de transações do *Facebook Pay*, interação com empresas, bem como dados do aparelho móvel e endereço de IP compartilhados.

De qualquer modo, há uma mudança em curso. Segundo o texto, gradativamente, a partir de agosto de 2021, a empresa passaria a pedir autorização aos usuários quanto ao fluxo de dados. Aqueles que não aceitarem, não terão seus perfis apagados, porém, perderão pouco a pouco algumas funcionalidades do aplicativo. Não obstante, considerações à parte, o Brasil, de Mello (2020), no ano anterior, tinha os dados estatísticos reforçados, visto que não mudaram consideravelmente de um ano para outro. Para Mello (2020), o Brasil representa o:

Segundo maior mercado do mundo para o *WhatsApp* (...) só perde para a Índia, que tem 400 milhões de adeptos. Lá, porém, a população é de 1,3 bilhão – 29,28% dos indianos usam o aplicativo. Já o *Facebook* tem 120 milhões de usuários no Brasil – o quarto maior mercado da plataforma,

³ USUÁRIO de *WhatsApp* tem privacidade mais protegida na Europa. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 3 jun. 2021. Caderno Mercado. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/06/usuario-de-whatsapp-tem-privacidade-mais-protetida-na-europa.shtml>. Acesso em: 3 jun. 2021.

perdendo apenas para a Índia, Estados Unidos e Indonésia. (MELLO, 2020, p. 16)

Esses números os quais a autora acreditava, chegarem no patamar de 136 milhões de usuários de *WhatsApp* e somariam mais de 60% dos brasileiros, servindo-se do aplicativo de troca de mensagens. Seus apontamentos também demonstram que, ao compararmos o Brasil e a Índia, tendo em vista a maior população daquele país, a porcentagem de brasileiros utilizando as redes sociais é bastante expressiva, segundo suas considerações. A tradução desses dados justifica a participação marcante dessas plataformas, no sentido de direcionarem discursos e opiniões.

A Internet é o ambiente propício das *Fakes News*. Por esse motivo, é necessário sempre estar atento a esses espaços de sociabilidade, discussão e ebulição de ideias. Discursos variados surgem como ponte para novas formas de interação, mas, por outro lado, rebelam-se enquanto fonte de controle e de poder. Compartilha dessa ideia o cientista político e jornalista Empoli (2019), ao defender que as *fakes news*, as teorias de conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para fomentar discursos de ódio, propagar o medo e influenciar eleições.

Sendo assim, diante das observações desses autores, é possível verificar o papel significativo das redes sociais, do *WhatsApp*, e no fluxo das informações que chegam até o grande público, sobretudo, na forma como são construídas, e por quais objetivos especificamente; o que ajuda a entender a importância desses veículos de interação, mas não apenas por esse motivo. É importante observar tamanha relevância em meio ao contexto favorável por conta de ser algo presente, não apenas no Brasil, mas no mundo inteiro, de acordo com os apontamentos de Kakutani (2018).

Desse modo, a força, sobretudo a rapidez com que uma informação falsa pode ser difundida e atuar na rede, chega a ser incomensurável. Uma vez que determinado tema, mesmo sendo duvidoso, é lançado na Internet, o compartilhamento acontece a perder-se de vista. Além do mais, a possibilidade de as pessoas acreditarem no que estão lendo não pode ser desprezada, já que, de acordo com Mello (2020), existe algo ao qual a autora chama de sensação de familiaridade, o que acaba por favorecer o maior engajamento – condizente com os objetivos dos *trolls*, diga-se de passagem.

Promovem, dessa forma, o que a autora chama de *firehosing*⁴. Segundo Mello (2020, p. 18), “uma vez ‘impulsionada’, a narrativa é então propagada naturalmente pelas redes orgânicas, que são as pessoas de carne e osso que acreditam naquilo que está sendo veiculado”.

Diante desse contexto, o sentimento de familiaridade diz respeito ao bombardeamento repetitivo de uma determinada notícia diante dos olhares atentos por novidades dos internautas. Acontece que, a partir do momento em que um determinado fato, seja ele real ou mentiroso, circula pelos grupos das redes sociais, ele passa a transmitir a sensação de familiaridade com essa mensagem, levando o sujeito, conforme sugere Mello (2020), a aceitar certos conteúdos como verdadeiros.

O resultado do *firehosing*, diante da cacofonia de informações, é que as pessoas, por vezes, já não distinguem mais, teoricamente, o que é verdade do que é falso. Somado a isso, pode-se sublinhar algo perceptível nas relações entre familiares e seus contatos via *WhatsApp* (MELLO, 2020). As pessoas normalmente têm tendência a acreditarem mais numa notícia compartilhada por um familiar do que propriamente por um profissional da comunicação, um meio confiável de notícias.

Os jornalistas passaram a serem vistos, em alguns discursos veiculados às vertentes mais conservadoras, os vilões da sociedade e da boa política. De acordo com Mello (2020):

É muito complicado saber que tipo de informação está sendo difundida pelo WhatsApp, uma vez que todo conteúdo é criptografado. Se botarem na roda uma acusação falsa de assassinato com foto, nome e endereço do homicida, por exemplo, a pessoa vilipendiada talvez nunca saiba que está sendo vítima de uma calúnia. Na hipótese de a mensagem chegar até seu conhecimento, será quase impraticável descobrir seu autor (MELLO, 2020, p. 19).

O cenário ao qual estamos interligados, mais precisamente no decorrer do presente texto, faz lembrar da teoria de Arendt (2009), ideal para encerrarmos esse capítulo. Suas considerações, ao analisar o papel essencial que a propaganda política desempenhou – no sentido de confundir e manipular as populações da Alemanha Nazista e da Rússia Soviética –, fala de um mundo tratado como incompreensível e de constante mudança. Fala da chegada de um momento em que as pessoas

⁴ Termo americano derivado de fire hose, ou mangueira de incêndio. De acordo com Mello (2020), trata-se da disseminação em fluxo constante de uma informação que pode ser mentirosa, de forma rápida e em larga escala.

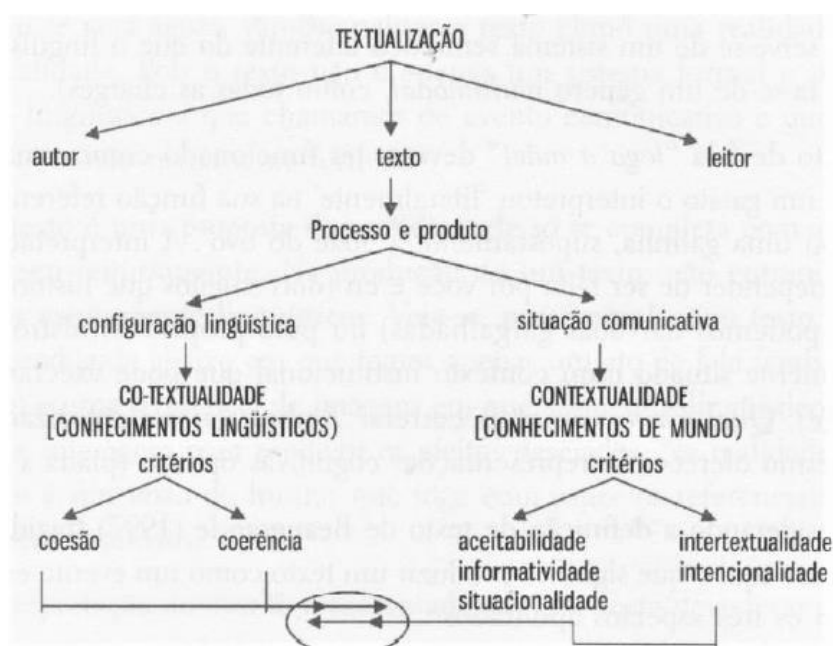
poderiam acreditar em absolutamente tudo, inclusive no nada. Se muitas são as possibilidades, em contrapartida, também nada pode ser verdade.

Arendt (2009) lida com a ideia de que na propaganda de massa, o público-alvo está sempre disposto a acreditar no pior, não importando o quão absurdo possa ser a mensagem alcançada. Nesse sentido, o receptor da mensagem já não tem mais objeções a respeito de ser ou não enganado, por considerar que, de qualquer forma, toda declaração é passível de mentira. Para ela, foi nisso que se basearam os líderes totalitários.

2.3. O TEXTO E OS CRITÉRIOS DE TEXTUALIDADE

Com base nas considerações de Bonifácio e Maciel (2010), entende-se que a Linguística Textual (LT) pode ser definida como ciência da estrutura e do funcionamento dos textos, e os mecanismos de textualização são responsáveis pelo estabelecimento da coerência temática.

De suma importância em um texto, os elementos de textualização que o compõem têm de estar bem articulados e em sintonia com o todo, porque não basta haver somente coesão e coerência (co-textualidade) se forem deixados de lado os aspectos referentes à contextualidade. O autor deve estar ciente da importância de cada um dos elementos da textualização. De acordo com Marcuschi (2008), o esquema a seguir ilustra o processo de textualização/textualidade.



Fonte: Marcuschi (2008, p. 96)

No esquema podemos observar, primeiramente, os três pilares da textualidade. Estes, por sua vez, demonstram um produto/autor, um leitor/receptor e um texto/evento. Para fins desse trabalho, concentra-se apenas no texto enquanto processo e não um produto final. Em seguida, pode-se observar duas perspectivas: primeiro, o acesso cognitivo pelo aspecto mais estritamente linguístico, representado pelos critérios da co-textualidade, o intratexto, que requer conhecimentos linguísticos e regras envolvidas no sistema, bem como sua operacionalidade; em seguida, observa-se o acesso cognitivo pelo aspecto contextual, pedindo mais especificamente conhecimentos de mundo e de cunho social; por fim, podemos perceber os critérios da textualização dispostos em dois conjuntos, mas imbricados (MARCUSCHI, 2008). Também, não se pode deixar de lado que os sete critérios são contextuais, não se fixando na distinção entre situações física e de extratexto versus uma situação intratextual. Na realidade, deve-se admitir uma noção de contexto mais rica, dinâmica e maleável.

Verifica-se que as sete condições da textualidade não constituem princípios de formação textual, mas, sim, critérios de acesso à produção de sentido. Estes não são equivalentes em peso e relevância, também não se distinguindo tão claramente entre si, podendo inclusive serem redundantes. Além disso, não se pode correlacioná-los a alguma área da linguística. Por exemplo, não é correto correlacionar a coesão com o nível morfossintático; nem a coerência com o nível semântico; nem a intencionalidade, situacionalidade e aceitabilidade com a pragmática; nem a informatividade com a relação tópico-comentário ou a intertextualidade com o estilo (MARCUSCHI, 2008).

Considera-se interessante observar a textualidade, para que se obtenha um olhar criterioso e que, por conseguinte, asseguraria uma visão que permita abranger as principais características de um texto. Recordemos do que aborda Fávero (1998), a coesão está no nível microtextual e a coerência está no nível macrotextual, constituindo as relações internas e externas ao texto.

A coesão, manifestada no nível micro textual, refere-se aos modos como os componentes do universo textual, isto é, as palavras que ouvimos ou vemos, estão ligados entre si dentro de uma sequência. A coerência, por sua vez, manifestada em grande parte macro textualmente, refere-se aos modos como os componentes do universo textual, isto é, os conceitos e as relações subjacentes ao texto de superfície, se unem numa configuração, de maneira reciprocamente acessível e relevante. Assim a coerência é o resultado de

processos cognitivos operantes entre os usuários e não mero traço dos textos (FAVERO, 1998, p. 10).

A coerência não é independente do contexto pragmático, isto é, não é independente de fatores, tais como, escritor/locutor, leitor/alocutário, lugar e tempo do discurso. Salieta Fávero (1998):

O texto deve ser visto como uma sequência de atos de linguagem (escritos ou falados) e não uma sequência de frases de algum modo coesas. Com isto, entram, na análise geral do texto, tanto as condições gerais dos indivíduos como os contextos institucionais de produção e recepção, uma vez que estes são responsáveis pelos processos de formação de sentidos comprometidos com processos sociais e configurações ideológicas (FÁVERO, 1998, p. 12).

Na sequência dessas considerações, encontramos subsídio através das reflexões de Koch (2006), que aborda que o sujeito precisa saber o que é, para saber o que diz, ou seja, há opção e há uma ação consciente dos sujeitos. A autora trabalha com a língua como interacional e dialógica, de maneira que o texto é o “próprio *lugar* da interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos” (KOCH, 2006, p. 17).

Nesse instante, pode-se refletir, de acordo com Koch (2006), junto dos autores que apoiam seu trabalho, a respeito não apenas de quem constrói o discurso, mas também de quem o lê e o interpreta conforme seus mecanismos e visão de mundo pré-existentes.

Fávero (1998) considera que todo falante de uma língua tem a capacidade de distinguir um texto coerente de um aglomerado incoerente de enunciados. Nesse sentido, atribui a essa capacidade o que ele se refere enquanto competência linguística – atentando ao fato de que essa competência se difere da competência frasal propriamente dita, ou mesmo da linguística, estritamente.

Para a autora, qualquer falante também é capaz de parafrasear um texto, resumindo-o e atribuindo-lhe um título qualquer, principalmente no fato de que o falante, o interlocutor do discurso, é dotado de potencial naturalmente, ao reconhecer a diferença entre um texto científico de uma receita de bolo, ou poesia, por exemplo.

Sendo assim, partindo do princípio destacado por Fávero (1998, p. 8) de que a LT é a “ciência da estrutura e do funcionamento dos textos”, encontramos na coesão e coerência, segundo esse critério, sua importância, no sentido de que as duas formas

de análise propiciam evidenciar os mecanismos de estruturação e de compreensão de textos. Conforme sugere a autora, a coesão pode ser vista:

[...] como um conceito semântico referente às relações de sentido que se estabelecem entre os enunciados que compõem o texto; assim, a interpretação de um elemento depende da interpretação de outro. O sistema linguístico está organizado em três níveis: o semântico (significado), o léxico-gramatical (formal) e o fonológico ortográfico (expressão). Os significados estão codificados como formas e estas, realizadas como expressões. Desse modo, a coesão é obtida parcialmente através da gramática e parcialmente através do léxico. (FÁVERO, 1998, p. 9).

Assim sendo, dependem da coesão e coerência, bem como critérios de textualização, os mecanismos fundamentais para a construção textual. A partir desses mecanismos pode-se atribuir ao texto qualidades relacionadas à sua eficácia, no que diz respeito à transmissão da mensagem e no quanto ela é capaz de fazer sentido ao leitor. Uma construção harmoniosa, faz com que esse texto seja transmitido de forma segura e natural aos olhos e ouvidos.

Partindo desse princípio, é oportuno classificar o próprio significado de texto, primeiramente, e das suas particularidades com relação ao discurso. Nesse sentido, recorre-se às considerações de Fávero (1998):

O termo “texto” pode ser tomado em duas acepções: “texto em sentido amplo, designando toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano (uma música, um filme, uma escultura, um poema etc.), e, em se tratando de linguagem verbal, temos o discurso, atividade comunicativa de um sujeito, numa situação de comunicação dada, englobando o conjunto de enunciados produzidos pelo locutor (ou pelo locutor e interlocutor, no caso dos diálogos) e o evento de sua enunciação (FÁVERO, 1998, p. 7).

Seguindo essa definição que a autora proporciona, já que o discurso é manifestado linguisticamente através de textos – no sentido escrito –, o texto, dessa forma, segue a representar qualquer passagem escrita ou falada num todo a traduzir significados que independem de sua extensão. Para Fávero (1998):

Trata-se, pois, de um contínuo comunicativo contextual caracterizado pelos fatores de textualidade: contextualização, coesão, coerência, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade e intertextualidade. (FÁVERO, 1998, p. 7).

Além da autora, Marcuschi (2008) também aborda os critérios de textualidade, tratados como contextuais. Fávero (1986) lembra que a intencionalidade serve para manifestar a ação discursiva almejada pelo autor do texto. Portanto, “a intencionalidade, no sentido estrito, é a intenção do locutor de produzir uma manifestação linguística coesiva e coerente, ainda que essa intenção nem sempre se realize na sua totalidade, especialmente na conversação usual” (FÁVERO, 1998, p. 21). Dessa forma, a intencionalidade é uma maneira de se dizer indiretamente o que se pretende, de sobretudo, no caso de funcionar na perspectiva das implicaturas, é uma forma indireta de se dizer o que se quer num texto e é responsável por boa parte do que está implícito.

A aceitabilidade diz respeito à aceitação do leitor em relação ao texto proposto pelo autor, ou seja, para que haja aceitabilidade é necessário que o leitor possa interpretá-lo pela sua configuração coerente e coesa (MARCUSCHI, 2008). Nesse sentido, um texto poderá ser aceitável apesar de violar algumas regras gramaticais.

Segundo o autor, o critério de informatividade é o mais evidente de todos, pois se um texto é coerente é porque desenvolve algum assunto, ou seja, menciona conteúdo. O importante desse princípio é requerer que num texto deve ser possível o que ele pretende comunicar e o que é aceitável extrair dele, e o que não é almejado. Ser informativo significa, pois, ser capaz de sanar dúvidas. A informatividade diz respeito à expectativa, ou falta dela, informação ou desinformação ou mesmo dúvida sobre o texto apresentado.

Conforme o critério de situacionalidade, para que um texto seja produzido é necessário primeiramente, um assunto/tema oriundo de uma determinada situação e fazer sentido para o leitor. O referido assunto/tema será contextualizado através de ações ou do imaginário no caso da literatura. A noção de contexto é um dos aspectos centrais da construção da situacionalidade (MARCUSCHI, 2008).

Conforme Marcuschi (2008), o critério da situacionalidade relaciona o evento textual à situação (social, cultural, ambiente etc.) em que ele acontece, podendo ser visto como um fator de adequação textual. Assim sendo, a situacionalidade serve para explicar e relacionar o texto ao seu contexto interpretativo e também para guiar a sua produção.

A intertextualidade é o critério que se constitui das relações entre um determinado texto e outros textos já conhecidos. Atualmente, há um consenso de se admitir que todos os textos mantêm um aspecto intertextual, pois nenhum texto se

acha isolado (KOCH, 2006). Pode-se dizer que a intertextualidade é uma “propriedade constitutiva de qualquer texto e o conjunto das relações explícitas ou implícitas que um texto ou um grupo de textos determinado mantém com outros textos” (Dicionário de Análise do Discurso, 2004, p. 288).

Ainda sobre intertextualidade, Koch (1991, p. 532) observa que seria “a relação de um texto com outros textos previamente existentes, isto é, efetivamente produzidos”. É possível dizer que a intertextualidade, mais do que um critério de textualidade, é também um princípio constitutivo que trata o texto como um conjunto de discursos e não como algo isolado.

Dessa forma, explorar-se-á um pouco a respeito de ambas as funcionalidades, responsáveis pelos critérios de análise das *fakes news* durante o presente estudo. Começaremos pela coesão textual. Trata-se do resultado e da correta distribuição daquelas palavras utilizadas como ligação às frases, períodos e parágrafos de um texto, de modo a organizarem sua estrutura.

Observa-se, assim, a atuação dos conectivos. Pode-se entendê-los como palavras e expressões a interligarem frases, períodos, orações e parágrafos. São as ferramentas atuantes no quesito da coesão textual, ou seja, o meio pelo qual dá-se uma sequência bem estruturada de ideias dispostas na mensagem de forma clara e inteligível. Costumam ser invariáveis, como no caso das conjunções, mas também podem ter sua função desempenhada através dos advérbios e pronomes. Quando mal-empregados, reduzem a capacidade da mensagem de ser compreendida corretamente. Nesse sentido, podem servir como delatores de textos mal construídos e, por conseguinte, até mesmo mentirosos, como no caso das notícias falsas.

Estão dentre os conectivos um arsenal de palavras pertencentes às locuções, pronomes, conjunções e advérbios, que visam transmitir diferentes ideias, localizando o leitor num contexto preciso e específico. Elas podem ser empregadas para transmitir o sentido de adição, oposição, certeza, finalidade, conclusão, causa, prioridade ou tempo. Também sugerem uma hipótese ou comparação, dúvida ou surpresa, esclarecimento - além de situar o receptor da mensagem num determinado lugar, e propor ideias alternativas.

É interessante frisar que, a aplicação da conjunção ou locução conjuntiva enquanto elemento conector, está associada à relação estabelecida entre as duas orações, ou seja, classificadas como coordenativas ou subordinadas. Referem-se aos termos de mesma função sintática, ou àquelas orações dependentes sintaticamente.

Outros dois elementos significativos na hora de estruturar o texto e garantir que a sua coesão aconteça de forma satisfatória são os mecanismos: anáfora e catáfora, relacionadas à informação expressa no texto. A primeira, retoma um componente, e a segunda o antecipa, contribuindo, os dois mecanismos, para a ligação e harmonia do texto.

A esse respeito, Fávero (1998) considera importante fundamentar uma gramática baseada no estudo do texto propriamente dito, e não no enunciado. É o que foi chamado de teoria-padrão gerativa, cujo trabalho destaca, de acordo com Fávero (1998), fenômenos explicáveis apenas no âmbito da estrutura textual.

Com base em tais critérios, ocupam espaço primordial de análise da coesão textual a anáfora, seleção de artigos, a pronominalização e os elementos adverbiais, bem como a sucessão de tempos. Segundo Fávero (1998), esses elementos podem ser considerados fatores de coesão, mas deve-se julgar necessários também diversos tipos de textualização. Para a autora, é preciso destacar as “relações entre os enunciados assindeticamente conjugados (por exemplo, conexão causal, conexão de motivos, tematização de objetos novos), estes podendo ser considerados fatores de coerência” (FÁVERO, 1998, p. 10).

Partindo desse princípio, sobre a coesão textual, desempenham papel considerável igualmente às concatenações frásicas lineares, cinco categorias de procedimento. Fávero (1998, p. 13) destaca a:

[...] referência, substituição, elipse, conjunção e léxico. Referência — função pela qual um signo linguístico se relaciona a um objeto extralinguístico. Ela pode ser situacional ou exofórica (isto é, extratextual) e textual ou endofórica. A textual ou endofórica pode ser: - anafórica: quando o item de referência retoma um signo já expresso no texto. (FÁVERO, 1998, p. 13)

Existem ainda duas regras nesse sentido, quando o assunto é garantir a coesão textual. A primeira é a referência pessoal, que são os pronomes pessoais e possessivos. Há igualmente a demonstrativa, cujos pronomes demonstrativos e os advérbios desempenham o papel preponderante, e a comparativa, em que as comparações se dão através das semelhanças verificadas em meio aos elementos do texto.

Outro ponto que contribui significativamente à construção do texto é a substituição. Isso dá-se alternando elementos nominais, verbais e frasais como forma

de evitar repetições durante o texto, o que pode, sendo assim, até mesmo acrescentar uma informação nova à mensagem.

Uma questão interessante também seria perguntarmo-nos quantos componentes textuais, sejam eles um nome, um verbo ou uma frase podem estar escondidos através da elipse textual.

Se o interlocutor faz uma pergunta sobre algo, um objeto qualquer, ingresso para um evento, ou mesmo uma refeição durante a tarde, na segunda oração que segue à frase, não seria preciso repetir o nome do elemento novamente, pois já estaria subtendido, quando o interlocutor pergunta ao receptor se ele deseja o que está sendo oferecido, o algo que motivou a pergunta, já estará subtendido tratar-se do termo mencionado anteriormente, nessa mesma oração.

Entretanto, num texto informativo, tal possibilidade pode vir a omitir certa intenção subtendida nas entrelinhas do que está sendo exposto. Uma leitura rápida, típica do curto período de um dia corrido, ou condizente com a velocidade da informação no ambiente digital, pode fazer com que a mensagem seja absorvida de uma forma não ideal, ou deixar margem para novas interpretações do mesmo conteúdo.

Por esse motivo que as conjunções, ao ligarem as orações, encontram novamente uma função significativa, já que destacar um “mas” no meio da frase, suscitam novos direcionamentos à frase, deixando as coisas menos claras, quando se espera justamente esse desdobramento.

Fala-se agora de coerência textual. Ao dizer que um texto é coerente, se está considerando que toda sequência de ideias dispostas na mensagem analisada segue num fluxo homogêneo de sentido; uma relação lógica das ideias expressas, e que denota também ao fato de que a argumentação específica é proveniente de um domínio e conhecimento inerentes ao transmissor da mensagem.

O mesmo não se pode dizer daquele texto cujas ideias são expostas de forma incoerente e contraditória. Nesse caso, a mensagem é repleta de redundâncias, e as ideias trabalhadas parecem não estarem concluídas, perdendo-se pelo caminho.

Portanto, em textos construídos à margem dessas lacunas, o entendimento do discurso fica comprometido; a sua clareza e fluência, prejudicados. Dessa forma, um texto incoerente depende dos tempos verbais mal utilizados, da falta de conhecimento sobre o assunto, e do uso de ideias contrárias que, no caso das *Fakes News*, pode configurar a denúncia de que aquela informação possivelmente não é verdadeira.

Todavia, se um texto incoerente detém certas características, como as citadas acima, o texto considerado coerente dispõe de características evidenciadas em sua escrita, que não deixa margem para lacunas. Podemos destacar num primeiro momento, o fator conhecimento de mundo, por exemplo. Trata-se do conjunto de conhecimentos que vamos adquirindo no decorrer da vida, ficando armazenados em nossa memória.

Outro quesito importante são as inferências. Toda mensagem pode ser simplificada a partir do momento em que o receptor compartilha do mesmo conhecimento do interlocutor, ou seja, a mensagem não está sujeita à interpretação incorreta da ideia. Ao menos, essa possibilidade pode ser minimizada significativamente.

A contextualização também é importante. Numa notícia bem articulada, ela faz toda a diferença. É preciso haver informações que complementem umas às outras, do contrário, lidaremos com algo solto, perdido em meio ao texto. Seria como depararmos com determinado horário informado na notícia sem que tenhamos a informação específica acerca desse horário. No decorrer da mensagem, não está explícito do que se trata.

Outro ponto a ser destacado é sobre a informatividade. Um texto torna-se rico à medida que suas linhas destacam informações que não fazem parte do esperado quando o assunto é a previsibilidade da mensagem. Insistir no óbvio, ou lançar uma informação sem desenvolvê-la corretamente, desvaloriza o texto.

Nas *Fakes News*, pode-se observar que uma ideologia ou credence é lançada sem que detenha profundidade na informação. A notícia contribui de forma rasa, pois muito além de promover uma ideia distorcida sobre os fatos, não o esmiuça em seus pormenores, não traduz informações precisas sobre o assunto, tampouco promove maior esclarecimento sobre a temática divulgada na matéria.

Numa análise característica da coerência textual num determinado texto, outros aspectos importantes a serem verificados são a coerência narrativa, que diz respeito ao tempo e à ordem das ações; coerência argumentativa, ou seja, os dados e opiniões que embasam o texto na sustentação do argumento; e a coerência descritiva, na qual o retrato das pessoas, dos objetos e ambientes do contexto oferecem riqueza de detalhes sobre suas particularidades.

Todavia, é interessante destacar ser a coesão e a coerência diferentes uma da outra, apesar das duas dependerem das regras essenciais para uma boa produção

textual. Nesse sentido, entretanto, podemos verificar na coesão textual o foco direcionado à articulação interna do texto, ou seja, nas questões gramaticais. Já a coerência, diz respeito à cadeia de ideias correspondentes entre si, numa costura bem organizada cuja mensagem encontra seu desenrolar de forma satisfatória e inteligível, do início ao fim. Ambas juntas, colaboram para a construção do sentido da textualidade, e o interlocutor pode compreender os sentidos do texto.

3. METODOLOGIA

Quando se iniciou a pesquisa haviam sido escolhidas, enquanto materiais para esta análise, uma coleta de *Fakes News* na área da saúde para compor um arquivo desse tipo de texto. Entendeu-se que, conforme os meses passavam, a pandemia era uma realidade presente e, cada dia mais próxima, ao mesmo tempo, o impacto das notícias falsas também ocupavam um lugar considerável de destaque. A partir de matérias infundadas e não confiáveis, obtinha-se todo tipo de informação em perfis como o *Facebook* e o *WhatsApp*, o que acabava por interferir de forma significativa no combate ao vírus Covid-19.

Desse modo, entendendo a importância de se estar atento ao que é real e o que é mentiroso na internet, além do risco representado pelas *Fakes News* na sociedade como um todo – especialmente àqueles que utilizam a internet – pretendeu-se estudar e identificar os critérios de textualidade como mecanismos de análise, os artifícios utilizados em meio aqueles responsáveis por criar e propagar tais notícias pelos perfis sociais, difundindo uma série de mentiras e contradições pelas redes sociais.

3.1. CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

O corpus da pesquisa foi coletado através das redes sociais como *Facebook*, *WhatsApp* e *Instagram*, onde as *Fakes News* costumam ser divulgadas, no período de setembro a dezembro de 2021. Priorizaram-se critérios para o desenvolvimento desse estudo que giravam em torno da divisão dos textos, distinguindo-os em maior, menor ou nenhuma evidência de *Fake News*.

Num segundo momento, houve a seleção dos 10 textos iniciais, com maior repercussão (maior impacto, maior número de pessoas abrangidas), culminando com a escolha de quatro textos a serem estudados. A repercussão foi medida de acordo com o número de visualizações e compartilhamentos do conteúdo.

No procedimento de análise do corpus, seguiu-se o seguinte roteiro:

- a) identificação e classificação das estruturas linguísticas dos textos;
- b) verificação dos problemas gramaticais e outros elementos que podem comprometer a veracidade dos textos;
- c) levantamento da intertextualidade presente em cada texto;

d) comparação do funcionamento de cada texto.

3.2. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Durante dois anos e meio de pandemia, os telejornais e sites jornalísticos acompanharam de perto o desfecho do que acontecia nos hospitais, pelas ruas, pelas cidades, enfim, pelo mundo. Se a pandemia chegou mais rápido do que podia-se imaginar, também está demorando a ir embora. Não foram poucas, em tantos meses passados, as matérias cujo enfoque principal era o novo Coronavírus, já tão ambientado em meio à vida cotidiana. Por esse motivo, a verdade é que opções de notícias verídicas e outras falsas figuram na tela dos computadores, *tablets* e *smartphones*.

Celulares a mão e o temor a rondar as mentes fragilizadas, sempre à espreita, um dia após o outro. Diariamente, um arsenal de reportagens contabilizou os números que aumentavam de hora em hora, a desolação das famílias que perderam seus entes queridos, a expectativa de que em algum momento o vírus pudesse chegar e a espera incansável para que ele fosse embora. Esse ambiente de perigo e cuidados propiciou uma série de matérias sobre o assunto.

Não obstante, é provável que a tarefa mais desafiadora fosse escolher as reportagens que seriam estudadas em meio a um arsenal inesgotável de *Fakes News*. Em contrapartida, entendia-se, que o critério de escolha das notícias falsas seria justamente o quanto elas foram divulgadas, ou seja, aquelas que detinham o maior número de acessos e compartilhamentos.

Chegamos, então, em quatro somente, mas não por falta de material. A necessidade de um número reduzido impôs-se justamente porque era necessário delimitar um pequeno apanhado de notícias, tanto pelo limite máximo de páginas para esse trabalho, quanto pelo tempo disponível para o seu término.

As quatro notícias escolhidas apareceram por diversas vezes nas redes sociais. Era comum vê-las compartilhadas por um amigo ou parente, em determinado período do dia. Há poucos meses o país passava por uma eleição em que as *Fakes News* foram utilizadas à exaustão, como forma de influenciar no resultado das urnas. Reflexos que ainda perduram nos noticiários, através do inquérito das *Fakes News*, por exemplo. Todavia, a luta contra o vírus passou por essas contradições presentes

nos discursos presidenciais e dos eleitores fiéis que acabavam reproduzindo esses discursos, tanto nas falas, quanto nas atitudes.

Após as *Fakes News* terem sido selecionadas, era chegada a hora de analisá-las, seguindo os critérios já mencionados acima, com relação ao corpus do trabalho. Apontamentos relacionados aos itens conectivos dos textos, às conjunções e pronomes, à intertextualidade, bem como as considerações fornecidas pelos autores que encabeçam esse trabalho, possibilitaram definir algumas características reconhecíveis e frequentes nas quatro matérias escolhidas para o estudo.

Partindo desse princípio, iremos agora para as análises propriamente ditas, de modo que o leitor possa acompanhar as observações ressaltadas durante as próximas páginas, tecendo assim, suas próprias conclusões sobre o tema. Fica explícito, dessa forma, a abordagem sobre as prioridades do bom jornalismo e de como reconhecer-se o que é falso ou verdadeiro em meio a tudo que é lido e recebe-se através das redes sociais.

Num mundo em que muita gente está conectada, a Internet tornou-se um dos principais meios para buscar informação ou pelo menos o mais rápido. Essa velocidade do compartilhamento de notícias faz com que as *Fakes News* ocupem um espaço considerável, principalmente para aquele indivíduo que, na pressa dos dias, não checa a veracidade da informação e não apenas isso: a compartilha e colabora com essa rede de más intenções, em que o internauta e a comunidade virtual como um todo acabam por ser as principais vítimas dessa jogatina inescrupulosa de interesses muito particulares.

4. ANÁLISES

Chega-se, enfim, a este capítulo cujo enfoque é a análise propriamente dita. Trata-se de três reportagens sobre o coronavírus, e uma mais antiga, orientando chás caseiros como forma de proteção contra o H1N1. Os quatro textos, em meio aos seus contextos específicos, espalharam-se consideravelmente pela internet.

Dentre os critérios escolhidos para analisar as matérias seguintes, buscou-se apontar possíveis caminhos para verificar pontos característicos que possam vir a denunciar a estrutura textual das notícias falsas e a forma como elas costumam ser construídas.

4.1. FAKE NEWS X

A primeira reportagem apresentada refere-se à variante Delta e ao Grupo Unimed. A chamada da matéria do site boato.org, do dia 15 de julho de 2021, feita por Edgard Matsuki é: “Unimed alerta que ‘Covid Delta’ não tem tosse e febre como sintomas”⁵. Em seguida, nota-se a chamada para o esclarecimento da *Fake News*, retratada como “Boato – O Grupo Unimed fez um texto alertando que a variante Delta da Covid-19 tem sintomas diferentes da tradicional como, por exemplo, não ter tosse nem febre”. A atenção não está no texto explicativo, pois observa-se apenas a *Fake News* que circula nas redes sociais. Veja:

“*GRUPO UNIMED ALERTA* Covid Delta: não há tosse, nem febre, mas articulações muito doloridas, dor de cabeça, dor no pescoço e na parte superior das costas, fraqueza geral, perda de apetite e pneumonia. Mais virulento e com maior taxa de mortalidade, com evidência mais rápida para chegar a extremos. As vezes sem sintomas! Afeta diretamente os pulmões, o que significa que nas ‘janelas’, os períodos de tempo são mais curtos. Muitos pacientes não tem febre nem dor, mas que relatam pneumonia torácica leve em suas radiografias.

Os testes de esfregaço nasal muitas vezes são negativos para Covid-19, e há cada vez mais resultados falsos negativos em testes de nasofaringe. Isso significa que o vírus se espalha e se espalha diretamente para os pulmões, causando estresse respiratório agudo causado pela pneumonia viral. Por isso, sejamos mais cuidadosos, evitando aglomerações, mantendo 1,5 m de distância mesmo em locais abertos, usando máscara facial, usando álcool 70% e lavando as mãos com frequência (e quando tossimos ou espirramos).

⁵ Disponível em: <<https://www.boatos.org/saude/unimed-alerta-covid-delta-nao-tem-tosse-febre-sintomas.html>> Acesso em: 15 abr. 2022.

Não guarde essas informações para você, compartilhe o máximo que puder, especialmente para familiares e amigos. _Grupo Unimed_”

Iniciam-se as considerações. O autor da *Fake News* descrita apresenta algum conhecimento sobre o assunto ao qual se refere, visto que várias das observações feitas sobre os cuidados e os sintomas do Covid19 são verídicas. Também é possível identificar a possível intencionalidade do autor, quando registra o maior número de informações verdadeiras, para dar credibilidade ao texto e obter maior aceitação da parte do leitor.

Além disso, observa-se no texto da *Fake News* o critério de intertextualidade, ou seja, o autor apropriou-se do texto original⁶ oriundo de uma instituição bem conceituada para, então, repaginá-lo de acordo com seu propósito. Outro fato que chama a atenção é o caráter alarmante do conteúdo no falso texto e a ênfase que o autor dá para que a notícia seja compartilhada/divulgada para o maior número de pessoas.

Quanto à microestrutura dessa reportagem, nota-se que a matéria traz de antemão características referentes aos sintomas ocasionados pelo vírus e o fato de que a variante pode ser ainda pior do que as demais, presumindo assim, certo conhecimento anterior sobre os sintomas, como se observa: “Covid Delta: não há tosse, nem febre, mas articulações muito doloridas (...) Mais virulento e com maior taxa de mortalidade, com evidência mais rápida para chegar a extremos”.

No fluxo do texto, encontra-se a seguinte oração: “Os testes de esfregaço nasal muitas vezes são negativos para Covid-19, e há cada vez mais resultados falsos negativos em testes de nasofaringe.”. Nesse contexto, pode-se destacar a presença da conjunção coordenada aditiva “e”. A função desse elemento é de soma e adição de pensamentos. O objetivo parece ser de enfatizar que não somente o tradicional teste do “esfregaço” no nariz costuma revelar resultados negativos para a presença do vírus, como também há falsidade no teste nasofaringe. Ou seja, é como se nenhum dos exames realizados para verificar a presença ou não do vírus no organismo humano fosse confiável.

Em seguida, observa-se o uso dos articuladores de repetição ou reiteração de itens lexicais. Veja o trecho: “Isso significa que o vírus se espalha e se espalha

⁶ Texto original

diretamente para os pulmões, causando estresse respiratório agudo causado pela pneumonia viral.” Percebe-se que a retomada da informação se dá pela repetição do mesmo elemento, ou seja, a palavra “espalha”. Isso pode significar que o autor do texto se valeu da situação do momento de pandemia para inferir um caráter alarmante, com a intenção de convencer o leitor da veracidade dos fatos.

Na continuidade do texto: “Por isso, sejamos mais cuidadosos...”. A nova oração inicia com a expressão “por isso” que caracteriza uma conjunção coordenada conclusiva, pois exprime causa, consequência, uma explicação. Logo após, a palavra “sejamos”, que se configura como um substantivo de verbo de ação, de ser. Poderia, dessa forma, incluir-se um pronome pessoal aqui, como o “nós”, por exemplo. O objetivo desse trecho é chamar a atenção do leitor para a iniciativa de preservar a saúde e fazer o que é preciso para se estar protegido diante da ameaça invisível.

De um modo geral, observa-se que o texto se mantém no tempo verbal do presente, ou seja, típico de textos que se prestam a comentar, explicar algo. Agora, avaliando a matéria, e amparando-se na macrotextualidade, poder-se-ia considerar que o texto, como foi destacado há pouco, pressupõe certo conhecimento de mundo enquanto premissa para a coerência textual. Nesse caso, especificamente os conhecimentos adquiridos, até então, sobre os sintomas mais divulgados sobre o coronavírus. Quando o autor desconhecido – e escondido por trás do rótulo da Unimed – refere-se ao fato de que a nova variante não desencadeia tosse nem febre, sugere que esse leitor detenha previamente a informação a respeito de características já conhecidas do público, ou seja, um artifício verificado na intertextualidade; um assunto que remonta outro tema, uma informação anterior.

Por outro lado, a partir do momento em que o texto é apresentado, não demora muito para que se possa destacar a primeira incoerência sobre o assunto: “*GRUPO UNIMED ALERTA* Covid Delta: não há tosse, nem febre, mas articulações muito doloridas, dor de cabeça, dor no pescoço e na parte superior das costas, fraqueza geral, perda de apetite e pneumonia. Mais virulento e com maior taxa de mortalidade, com evidência mais rápida para chegar a extremos. As vezes sem sintomas!”

É possível notar algo de incongruente na sequência linguística. Se não há sintomas, como falar em evidências? A sequência surge com uma ideia contraditória; é a contradição referente aos sintomas e à progressão do vírus. Se a variante se caracteriza por dores nas costas, cabeça e articulações – apenas para retomar alguns pontos descritos no texto – e que, por esse motivo, as evidências comprovam tratar-

se de um vírus mais rápido, podendo chegar a extremos, como dizer, logo em seguida não haver sintomas? Ou seja, o texto apresenta discordância em seu conteúdo. Seguindo pelas próximas linhas, temos: “Muitos pacientes não têm febre nem dor, mas que relatam pneumonia torácica leve em suas radiografias.”

Segundo a gramática normativa da língua portuguesa, a conjunção coordenada adversativa “mas” representa ressalva. Nesse sentido, o vírus não apresentaria sintomas evidentes, excluindo assim a febre ou dor, por outro lado, relata pneumonia torácica, algo, por si só, característico no que tange aos incômodos, especialmente respiratórios. Na análise da sequência, não é isso que se observa, visto que os sentidos atribuídos remetem a uma exclusão do primeiro período, apresentada após o uso da vírgula. Verifica-se o uso do termo “que” de forma inadequada, pois, se fosse retirado, exibiria maior clareza, coerência e coesão.

Adiante, o trecho: “evitando aglomerações, mantendo 1,5 m de distância mesmo em locais abertos, usando máscara facial, usando álcool 70% e lavando as mãos com frequência (e quando tossimos ou espirramos).”

Pode-se, nessa etapa da matéria, destacar informações corretas, relacionadas ao que costuma ser discutido ao tratar-se da prevenção contra o coronavírus através das falas de especialistas da ciência e médicos que atuam no combate à doença. De certo modo, essas informações, já verificadas enquanto algo importante, denotam um caráter mais sério ao texto a pretender-se confiável, já que ressalta considerações sabidas sobre a pandemia.

Certa credibilidade poderia embrenhar-se em meio à informação dada. Porém, é um sentimento que vem a ser quebrado logo em seguida, quando sucede-se o lembrete: “Não guarde essas informações para você, compartilhe o máximo que puder, especialmente para familiares e amigos. Grupo Unimed_”

Percebe-se, nesse trecho, mais uma vez, a tendência ao sensacionalismo e a necessidade de ver a informação compartilhada pelo maior número de pessoas. E o que se torna ainda mais questionável é verificar que o autor direciona a leitura aos familiares do leitor.

Conforme abordado no segundo capítulo, de acordo com os apontamentos de Mello (2020), há uma tendência de que o interlocutor acredite mais facilmente numa informação que chega até ele através de um familiar, por meio da rede social ou aplicativo de conversação. Isso acontece porque em meio às pessoas já conhecidas, que pertencem ao ciclo social do interessado, naturalmente os laços afetivos, a

proximidade entre o leitor e aqueles que o cercam, faz com que a informação seja mais bem apreendida, já que existe uma relação de confiabilidade mútua entre as pessoas envolvidas. Merece atenção igualmente a ênfase opinativa do texto. Para o bom jornalismo, como base de sua premissa profissional, o conteúdo divulgado deve ser feito de maneira imparcial, o que não acontece na matéria em questão.

Outra particularidade importante a ser analisada é o quesito fonte. Por fonte, entende-se, no jornalismo, aquela pessoa que contribuiu com as informações necessárias para o desenvolvimento do conteúdo expresso na reportagem. Claro, é fato que também existe uma garantia da profissão, o sigilo da fonte, de modo a não ser revelada na matéria. Entretanto, é algo mais recorrente no jornalismo investigativo, em que a fonte, o informante a quem o profissional da comunicação recorreu para elaborar sua denúncia, precisa ser protegido, já que delatar esquemas ilícitos pode representar risco para a vida dessa fonte. Mas esse não é o caso de matérias informativas como a estudada.

Na realidade, essa informação, segundo o site no qual foi coletada, já circulava muito tempo antes pelas redes sociais, principalmente no *WhatsApp*. Conforme o tempo passou, por não haver uma fonte de origem confiável, tampouco o responsável pela matéria, tornou-se discutível à medida de sua eficácia. O texto foi reformulado, constando então, num segundo momento, o nome da Unimed, que veio a pronunciar-se sobre a falsidade da notícia.

Por esse motivo, é de suma importância ter em mente que o jornalismo se faz pela coleta de dados, pela investigação adequada, informações apuradas, baseadas em fatos e provas sobre o assunto noticiado. Quando a informação é checada, presume-se a qualidade do seu conteúdo.

Notoriamente, o assunto acaba por ser redigido também noutros veículos de comunicação, especialmente os mais respeitáveis. Uma notícia verdadeira raramente virá de um único veículo de comunicação, tampouco compartilhada em aplicativos, apenas. Caso contrário, não é possível atestar credibilidade ao que está sendo acessado pelo leitor. Parte-se, a seguir, para a segunda análise da pesquisa.

4.2. FAKE NEWS Y

O segundo texto trata da proteção das pessoas em relação ao Covid 19. O texto intitulado “Ser infectado com Covid-19 protege 7 vezes mais do que tomar qualquer

vacina #boato⁷ é uma *Fake News* trabalhada no site boato.org, no dia 22 de julho de 2021, por Kyene Becker. A seguir, tem-se o texto na íntegra.

A informação de que ser infectado com Covid é 7 vezes mais eficaz que a melhor de todas as vacinas é uma boa notícia para países como o Brasil, em que, por diversas razões, tem uma das populações com maior índice de infectados. É o que podemos chamar de vacinação raiz. Isso pode se traduzir, em breve, em sermos um dos primeiros a virar essa página sanitária de nossa história.

Neste segundo exemplo, o autor refere-se a *Fake News* como um texto informativo, dando a entender ao leitor que a informação é verdadeira. Também é possível observar o critério, no mínimo duvidoso, com que o texto é produzido. Questões surgem com essa leitura: Que provas existem? Há alguma explicação científica? Quais pessoas foram testadas e como se desenrolou essa pesquisa? Esta informação circula entre os meios mais confiáveis e tradicionais da comunicação? Foi verificada concordância de argumentos em diferentes órgãos da saúde? A Organização Mundial da Saúde pronunciou-se a respeito, confirmando tal teoria?

Lendo com atenção, observou-se que as referidas questões ficam sem respostas. Além disso, a informação é um tanto contraditória, pois se o objetivo é proteger a população contra o vírus, a partir do momento em que se é contaminado por ele, já não se poderia falar em proteção maior, visto que a pessoa já contraiu o coronavírus.

Outro ponto é não existirem garantias de que o corpo obtenha maior imunidade contra o Covid-19 depois de ser contaminado, até porque o risco a se correr, caso a pessoa receba um atestado positivo para a doença, é grande demais, podendo custar-lhe, inclusive, a vida. Por outro lado, sabe-se também que alguém contaminado pode, sim, contaminar-se outras vezes e que existe a possibilidade de os reflexos da doença serem ainda piores, visto que o organismo do paciente já está fragilizado.

Outro termo um tanto questionável na matéria é o “vacinação raiz”. O que é vacinação raiz? Em que meios, circuitos da informação e profissionais da área, esse termo circula? De onde surgiu? Ou seja, um termo meramente coloquial, elegido por alguém, diga-se, alheio aos critérios mais rigorosos da notícia. O texto transmite sua

⁷ Disponível em: <<https://www.boatos.org/saude/ser-infectado-covid-19-protege-7-vezes-mais-que-tomar-qualquer-vacina.html><https://www.boatos.org/saude/unimed-alerta-covid-delta-nao-tem-tosse-febre-sintomas.html>> Acesso em: 15 abr. 2022.

mensagem como se fosse um bate papo numa mesa de bar qualquer, entre amigos, em que a rigurosidade do enunciado pouco importa, falando sobre teorias muito particulares e sem confirmação científica, ou seja, as questões estão novamente sem respostas para o leitor.

Como se pode observar, notícias falsas, como a desse exemplo, prejudicam verdadeiramente a responsabilidade de cada um em tomar os devidos cuidados preventivos. Assim, transmitem ideias errôneas, mentirosas, que acabam por convencer determinado número de pessoas que, a partir do momento em que deixam de cooperar com os pré-requisitos contra o Covid-19, já definidos pela ciência e os órgãos competentes de saúde, disseminam a doença para outras pessoas, a ponto de o vírus não ser controlado da forma devida, levando consigo um número triste de pessoas que padecem com a doença.

Continua-se a análise da sequência do texto: “A informação de que ser infectado com Covid é 7 vezes mais eficaz que a melhor de todas as vacinas é uma boa notícia para países como o Brasil, em que, por diversas razões, tem uma das populações com maior índice de infectados.”.

A sentença inicia falando da informação correspondente ao tema, de que ser infectado protege até sete vezes mais. Na verdade, não se sabe quem são autores das postagens falsas, o que se sabe é que circulam rapidamente pelas redes sociais como o *WhatsApp*. Uma informação de credibilidade apresentaria em sua matéria, para ser considerada profissional e de qualidade, todos os lados da história, o positivo e o negativo, visões diversas e contrárias, promover a informação em seu sentido mais abrangente.

O trecho também sugere que o Brasil possui um número maior de infectados, e que isso se deve “por diferentes razões”, que não estão implícitas no discurso. Na sequência, utiliza o termo “infectado” a repetir-se, atuando enquanto expressão lexical na abordagem do tema, na retomada da informação.

Desse modo, outra vez tornam-se evidentes características idênticas ao exemplo anterior. Notícias sem fontes, trabalhadas de forma sensacionalista na busca por convencer o leitor do que está sendo dito, com chamadas distorcidas e impactantes, para seduzir o leitor e ausência completa de fontes confiáveis e dados científicos para amparar a teoria que está sendo divulgada. Passa-se, a seguir, para o terceiro exemplo da pesquisa.

4.3. FAKE NEWS Z

O terceiro texto apresentado refere-se ao fim do Covid-19. A *Fake News* trabalhada no site boato.org, por Edgard Matsuki, no dia 27 de julho de 2021, intitula-se: “Hospital São Lucas da PUC (POA) amanheceu sem pacientes de Covid e fez vídeo⁸”. Veja:

Hospital São Lucas-Puc, POA, amanheceu sem pacientes de covid e fizeram esse lindo vídeo. ‘Para tudo há um tempo...’ Lindo vídeo merece nosso reconhecimento... Pediram para ser repassado! *Senhor Jesus e lindo!

No texto acima, o autor da *Fake News* impõe um caráter religioso, na intenção de convencer o leitor a aceitar a informação falsa como verdadeira. Usa a fé tendo em vista a situação de pandemia, ou seja, relaciona os leitos vazios com a cura pela fé dos pacientes, crentes em Jesus. Embora o texto acima possa ser interpretado segundo o mesmo tempo verbal, exprimindo coerência em seu decorrer, pois não apresenta ideias contrárias, além de parecer apresentar um desfecho plausível de finalização da ideia inicial, ainda assim, carece de outras informações.

A chamada é pobre em sua construção. Não possui argumento apropriado, não apresenta dados, números de internações anteriores, ou mesmo das mortes ocorridas até então. Tampouco retoma a fala de algum dos médicos ou enfermeiros responsáveis pelo cuidado dos pacientes ou fornece um relato da direção do Hospital, nem de outros profissionais envolvidos.

O vídeo⁹ em que os funcionários do Hospital apareceriam cantando, nesse contexto certamente duvidoso, poderia ter sido gravado em qualquer outro momento, quiçá, de repente sequer diz respeito aos funcionários do Hospital. A informação não fornece garantia alguma de sua veracidade, além de haver sido compartilhada em espaços duvidosos, que não são os mais confiáveis para alguém que deseja manter-se bem informado. No trecho: “Hospital São Lucas-Puc, POA, amanheceu sem pacientes de covid e fizeram”, observa-se que foi utilizado, na palavra “fizeram”, o que é chamado de elipse na coesão textual, pois sabe-se tratar dos funcionários, em função do contexto, sem a necessidade de repetir o termo.

⁸ Disponível em: <<https://www.boatos.org/saude/hospital-sao-lucas-puc-poa-amanheceu-sem-pacientes-covid-fez-video.html>>. Acesso em: 15 abr. 2022. Obs: Embora o texto mencione um vídeo, o mesmo não se encontra disponível nesse site.

Em seguida, temos: “esse lindo vídeo. “Para tudo há um tempo...” Lindo vídeo merece nosso reconhecimento... Pediram para ser repassado! *Senhor Jesus e lindo!”. A partir do item “esse”, verificamos coesão textual, já que foi utilizado enquanto conectivo de referência um pronome demonstrativo. Porém, em seguida, o adjetivo “lindo” toma forma mais de uma vez, ou seja, ausência total de imparcialidade para um texto por demais pretencioso, caso o objetivo seja passar-se por uma informação verdadeiramente jornalística.

Na sequência, quando afirma no fechamento da oração, que a notícia recebeu pedidos de compartilhamento pelos funcionários do hospital, bem, nesse sentido, como podemos interpretar, a busca por espalhar esse conteúdo na internet, sem critério algum, já denota uma condição de dúvida; põe à parte sua credibilidade, quando o motivo real da matéria parece ser unicamente o número de likes.

No texto acima citado, podemos observar os critérios de textualização como a intencionalidade do autor em relação ao leitor, enquanto efeito psicológico causado pela notícia falsa. Situacionalidade, no contexto social do momento de pandemia, a informatividade, veículo que circula a notícia e a aceitabilidade do leitor como sendo a *Fake News* uma informação verídica. Quanto à coesão e à coerência, como já foi dito, embora o texto seja provido de algum sentido, ainda carece de maiores informações.

4.4. FAKE NEWS ALPHA

A quarta e última *Fake News* é uma “receita” para cura do Covid 19, publicada por Roney Domingos, no site G1, em 24 de abril de 2019. Apresenta-se o texto intitulado “É #FAKE que diretor do HC mandou mensagem com dicas para evitar gripe e que Tamiflu é feito de erva-doce⁹” a seguir.

“Diretor do HC (Hospital das Clínicas) de SP preocupado com a nova gripe que vai matar gente...
Fazer do álcool gel o nosso aliado.
Comecem a tomar vitamina C urgente, cuidem das crianças. Lavar as mãos muitas vezes.
Orienta:
- Evitar ir a locais onde haja multidão;
- Tomar vitamina C;
- Comer fígado de boi;

⁹ Disponível em: <<https://extra.globo.com/fato-ou-fake/e-fake-que-diretor-do-hc-mandou-mensagem-com-dicas-para-evitar-gripe-que-tamiflu-feito-de-erva-doce-23618954.html>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

- Tomar sucos de acerola e laranja.

Vamos repassar?

ERVA-DOCE

O chá de erva-doce tem a mesma substância que o medicamento TAMIFLU, remédio que todas as vítimas da gripe A - H1N1 toma.

Uma médica, descobriu no seu laboratório, uma substância que tem o famoso TAMIFLU, aparece no CHÁ DE ERVA-DOCE.

Aconselha-se tomar o chá como se fosse café, após as refeições.

Uma infectologista do hospital São Domingos, recomenda tomar de 12 em 12/horas o chá de erva-doce, ela mata o vírus da influenza. É da erva-doce que é feito o TAMIFLU.

Repasse aos familiares e amigos pois é muito importante”.

Esse texto, que é o último escolhido para a pesquisa, apresenta o critério da intertextualidade, pois o autor da informação falsa, apropria-se de antigas crenças populares que perduram até a data presente. Como nos textos falsos anteriores, aqui também se observam os critérios de textualização os quais são o foco desse trabalho.

Também, podemos perceber no falso texto, aquele apelo familiar, das receitas caseiras passadas de geração em geração. A exemplo da geração *Baby Boomers* (1940/1960) e geração X (1960/1980), dos mais velhos aos mais novos, dentro de casa, ou seja, está implícito na informação receitas caseiras já muito conhecidas. Tais receitas denotam a sensação de confiança, dos conselhos do familiar mais velho, pelo qual se nutrem gostosas memórias, amparando-se no conhecimento dos antepassados e de suas ervas medicinais. Porém, ao tratar-se de uma pandemia, notoriamente não há muito espaço para credíces populares.

Embora chás medicinais sejam, de fato, utilizados a milênios, advindos de culturas orientais, indígenas, entre outros, no contexto pandêmico, a realidade é um tanto mais severa. Deve-se confiar na ciência, primeiramente, e no que os seus profissionais têm a dizer sobre o assunto. Entretanto, o apelo sentimental dessas receitas caseiras, como podemos observar, não ficam de fora das *Fake News* compartilhadas, especialmente em momentos cuja saúde vê-se tão frágil.

Percebe-se na receita, especificarem, de antemão, que a informação foi obtida através da fala do Diretor do Hospital de Clínicas de São Paulo, porém, o seu nome não é citado no texto. Verificando-se com atenção, vê-se que, em meio ao texto, estão presentes informações verídicas, já divulgadas por órgãos confiáveis da imprensa ou de fontes ligadas ao Ministério da Saúde e a Organização Mundial da Saúde.

A importância do álcool em gel, vitamina C ou de lavar as mãos frequentemente, nessa notícia, aparecem em meio aos conselhos de que se deve comer fígado de boi, além de ingerir sucos de acerola e laranja.

Fígado de boi e sucos de fruta, embora costumem ser ingredientes em receitas de culinária ou matérias que possam abordar critérios específicos – relacionados às vitaminas e nutrientes de determinados alimentos – quanto ao fortalecimento do sistema imunológico, na época em que houve o surto da H1N1, em momento alguns desses alimentos estiveram em meio às falas das autoridades especializadas no combate ao vírus da gripe, enquanto formas de prevenção da doença. Novamente, o pedido de repasse do texto põe em questão a credibilidade da informação.

O mesmo acontece no parágrafo seguinte, em que o chá de erva-doce aparece igualmente como antídoto para a H1N1. O texto cita a presença do chá, no Tamiflu, um remédio antiviral que contém em sua formulação ativos que inibem a multiplicação do vírus da Influenza, bloqueando sua ação no corpo humano. A informação do medicamento já conhecido no meio científico estar presente na erva-doce soa como um atrativo ao leitor, sobretudo, por estar consumindo algo natural e de tamanha eficácia. A informação apresenta uma intertextualidade aparente e que influencia o leitor do texto.

O objetivo da receita é justamente esse, convencer, iludir o leitor de estar seguro usufruindo apenas do chá de erva-doce. Imaginemos o quanto é perigoso informações falsas como essa, para quem realmente acreditar no que o texto transmite. Além do mais, e, por si só já bastante duvidoso, nesse trecho do texto, novamente o posto dos profissionais envolvidos em tal descoberta é citado: “uma médica” e um “infectologista do hospital São Domingos”. Ambos, como podemos perceber, sem nome, sem identidade. Não há a quem recorrer, buscar demais informações, simplesmente porque a notícia não é real.

Para além dos textos analisados nesse trabalho, as *Fakes News* têm sido uma frequente nas redes sociais. Embora atualmente tenhamos vários sites que desmentem as notícias falsas, há quem ainda não consiga distinguir a notícia verdadeira da inverídica. É importante que ao receber um conteúdo estarmos atentos, alguns cuidados como ler/ouvir com atenção, além de verificar a fonte de origem antes de repassar para outras pessoas. Como já foi dito, as *Fakes News* não são um fato recente, elas vêm passando de geração para geração e acredita-se ser muito difícil erradicá-las, portanto, cabe a nós leitores estarmos sempre atentos a esses fatos.

Ao analisar as quatro *Fake News*, percebe-se o uso da intertextualidade como forma de dar credibilidade à informação e convencer o leitor de que o texto é verdadeiro através da informatividade apresentada na postagem. O autor também se

aproveita da situação, quando o planeta como um todo encontra-se em plena pandemia. Momento esse em que a população mundial está voltada para descobrir qualquer solução que possa amenizar ou mesmo resolver o problema que envolve o contexto social. Os recursos utilizados pelo autor – como *WhatsApp* e *Facebook* – para divulgar a informação falsa, vem ao encontro da sua intenção principal, que como já foi dito, de tornar o texto em questão, o mais verdadeiro possível, para que seja aceito pelo maior número de leitores.

5. CONCLUSÃO

As notícias divulgadas e difundidas na internet repercutem na vida social e discursiva das pessoas. Ao pensar sobre essa questão que se procurou alcançar o objetivo de analisar os artifícios utilizados pelas notícias falsas na busca de convencer o leitor diante do que está sendo apresentado textualmente. Nesse contexto, à luz dos sete critérios de textualização – coesão, coerência, situacionalidade, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, intertextualidade –, o trabalho verificou o processo de produção de sentidos presente nos textos de quatro *Fake News*.

A partir da contribuição dos autores mencionados no decorrer dessa pesquisa, foi possível observar que mesmo havendo um sequenciamento coeso de fatos isolados em meio ao texto, ainda assim, não tem condição de formar um discurso totalmente coerente. Por outro lado, é possível destacar igualmente que existe a possibilidade de encontrarem-se textos destituídos de coesão, porém com textualidade expressa em certo nível de coerência.

Nesse sentido, conforme pudemos observar, são as falhas nas gramáticas das frases, no tratamento das referências textuais, as definições, as relações entre sentenças e a forma como estão ligadas pelas conjunções, bem como a ordem das palavras em cada enunciado – além dos elementos de entoação e concordância dos tempos verbais – é que fornecem os mecanismos ideais para se analisar o contexto específico e os critérios de textualidade em cada discurso.

Através das análises realizadas no desenrolar da pesquisa, algumas considerações a respeito da estrutura desses textos podem ser ressaltadas, em conformidade com os autores que as embasam. Quando Fávero (1998) afirma que a coerência não deve ser vista unicamente como uma sucessão linear e unidimensional, mas sim, como uma orientação hierárquica, e pluridimensional, podemos verificar tais desdobramentos no decorrer das matérias escolhidas.

Observou-se que, muito embora todas as reportagens tenham de certo modo obedecido a um esquema concreto de linearidade e, até mesmo coeso na maioria, o modo como o discurso foi construído em cada uma delas permite verificar que realmente os discursos estão inseridos num contexto pragmático que não é independente dos fatores que envolvem o escritor – ainda que não esteja definido – e o que esse locutor espera de seu leitor. Verifica-se também que todos os textos, como

foi definido desde o início, com exceção do quarto exemplar, estão inseridos num mesmo tempo para o discurso. Desse modo, os conhecimentos de mundo do leitor trazem a intertextualidade abordada pela pandemia e pela situação caótica informacional que constituem os sentidos do texto.

São mais de 600 mil mortes, impulsionadas pela enxurrada de notícias falsas e enganosas disseminadas pelas redes. O momento era delicado. Infelizmente, o vírus continuava e continua infectando pessoas pelo mundo. Por essa razão, é interessante observar o papel que detém a informação, no sentido de alertar as pessoas do risco que representa contrair a Covid-19. Nessa perspectiva, a aceitabilidade da notícia é algo que interfere no modo de apreensão dos sentidos produzidos e pode influenciar o comportamento em sociedade.

A única forma de se precaver é conhecer as formas de prevenção, já que as vacinas são eficientes, porém, não imunizam cem por cento. O fato é que dificilmente pode-se prever os danos que tal vírus pode ocasionar no organismo. Isso varia de pessoa para pessoa. Dessa forma, quanto mais cuidados preventivos, menos chances de contrair o coronavírus.

Diante desse contexto – já que a prevenção parece ser o método mais eficaz de cuidado, bem como a informação – de qualquer modo, como se viu anteriormente, o importante realmente é estar informado. Porém, com informações confiáveis. Esse é o ponto deveras significativo e insubstituível, pode-se dizer. É nesse instante que se deve considerar a informação de confiança, ao invés de deixar-se iludir por reportagens tendenciosas e falsas.

É perfeitamente possível que ao se deparar com uma notícia alarmante, no ímpeto por compartilhar algo que de repente esperava ansioso, o leitor, por estar em contato com determinada contextualização, seja capaz, ainda que esclarecido o suficiente sobre os perigos das notícias falsas, compartilhar determinada informação. Cedo ou tarde, a informação pode ser desmentida por sites especializados em boatos, como o boato.org ou o G1, duas plataformas com textos de base para o presente estudo.

Recorre-se novamente a Koch (2006), cujas considerações a respeito dos conhecimentos linguísticos, da co-textualidade, servem de base para esses apontamentos. Lembra-se, então, segundo a linguista, que quando se fala em coesão, diz respeito a um conceito semântico referente às relações de sentido que se

estabelecem entre os enunciados componentes do texto; a interpretação de um elemento depende da interpretação de outro.

Conforme observam as autoras Koch (2006) e Fávero (1998), ainda que a coesão direcione e/ou possa interferir diretamente na coerência do argumento do texto, existe a possibilidade de ambas expressarem interpretações e ideias relacionadas ao discurso de forma totalmente diferentes. Com isso, diz-se que embora a coesão possa estar perfeitamente aliada segundo seus critérios específicos de tratamento das frases, das orações presentes no texto, é possível que a coerência, por outro lado, não condiga com a eficácia da mensagem, devido ao fato de contradizer-se de um parágrafo para o outro, não sustentando a ideia inicial do autor. Ou ainda vice-versa. A coerência pode estar bem articulada, porém, a coesão é insuficiente na forma como o texto foi construído.

Encerra-se esse trabalho com a certeza de que ao se informar sobre algo, deve-se recorrer a fontes confiáveis de informação, mídias já conhecidas pelo grande público, com caráter notoriamente imparcial, e com qualidade de texto, de aspectos abordados nas matérias, promovendo maior entendimento sobre os mais variados ângulos da notícia. Definitivamente, grupos de *WhatsApp*, grupos de amigos no *Facebook* e sites de notícias duvidosas não são os melhores lugares para obter-se um conteúdo de confiança. Tudo isso porque, mais importante do que buscar a informação, é escolher exemplares de qualidade. É estar informado.

6. REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo.** São Paulo: Companhia das Letras: 1973.

BONIFÁCIO, Carla Alecsandra de Melo; MACIEL, João Wandemberg Gonçalves. **Fascículo: Linguística Textual.** Editora Universitária UFPB. 1. ed. 2010. Meio Digital. Disponível em: <portal.virtual.ufpb.br/biblioteca-virtual/publicações/view/309>. Acesso em: 06 ago. 2022.

CARR, Nicholas. **A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros.** Trad. Mônica Gagliotti Fortunato Friaça. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DINIZ, Carmen Regina Bauer. **Representações de gênero de docentes do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas.** 325f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, 2011.

EMPOLI, Giuliano Da. **Os engenheiros do caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar as eleições.** 1. ed. São Paulo: Vestígio, 2019.

EMMANUEL, Simone. **Geração z: quem são e como se comportam os jovens nascidos na era digital** – 1. ed. – Rio de Janeiro: Copyright, 2020. E-book. 43 p. Disponível em: <https://lelivros.love/book/baixar-livro-geracao-z-simone-emmanuel-em-pdf-epub-mobi-ou-ler-online/>. Acesso em: 17 ago. 2021.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais.** 5. ed. São Paulo: Ática, 1998.

KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade.** – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018. E-book (186 p.). Disponível em: <https://lelivros.love/book/a-morte-da-verdade-michiko-kakutani/>. Acesso em: 17 ago. 2021.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **A coesão textual.** 22. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Desvendando os segredos do texto.** 5. ed. – São Paulo: Cortez, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELLO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.